

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
MESTRADO

MARIELI RANGEL TEIXEIRA

**AS PROPRIEDADES DO JORNALISMO SENSACIONALISTA: UMA  
ANÁLISE DA COBERTURA DO CASO ISABELLA NARDONI**

Porto Alegre  
2011

MARIELI RANGEL TEIXEIRA

**AS PROPRIEDADES DO JORNALISMO SENSACIONALISTA: UMA ANÁLISE  
DA COBERTURA DO CASO ISABELLA NARDONI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg

Porto Alegre  
2011

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

**T266p** Teixeira, Marieli Rangel  
As propriedades do jornalismo sensacionalista: uma análise da cobertura do caso Isabella Nardoni. / Marieli Rangel Teixeira. – Porto Alegre, 2011.  
121 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS.  
Orientação: Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg.

1. Comunicação. 2. Jornalismo - Brasil. 3. Imprensa - Sensacionalismo. 4. Comunicação de Massa – Brasil.  
5. Jornais - Aspectos Sociais. I. Wainberg, Jacques Alkalai. II. Título.

**CDD 070.4  
070.19**

**Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437**

MARIELI RANGEL TEIXEIRA

**AS PROPRIEDADES DO JORNALISMO SENSACIONALISTA: UMA ANÁLISE  
DA COBERTURA DO CASO ISABELLA NARDONI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg  
Orientador  
(FAMECOS - PUCRS)

---

Prof. Dr. Luciano Klöckner  
(FAMECOS - PUCRS)

---

Prof. Dr. Jorge Campos da Costa  
(FALE - PUCRS)

Com muito amor, dedico esta dissertação aos meus  
maravilhosos pais, Nerci e Marlene.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela vida e pela oportunidade de aprendizado constante. Aos meus pais Nerci e Marlene, porto seguro para todas as horas. Aos meus irmãos e sobrinhas, pelo apoio incondicional.

Ao meu orientador, professor Dr. Jacques Alkalai Wainberg, por tudo. Especialmente o ensinamento, incentivo, dedicação, paciência e carinho.

Ao médico e amigo Wolney de Castro Gomes.

A CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela possibilidade de realização deste estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, incluindo coordenação, professores e funcionários. Agradeço, especialmente, aos professores Antonio Carlos Hohlfeldt, Claudia Peixoto de Moura, Cleusa Maria Andrade Scroferneker, Doris Fagundes Haussen, Jacques Alkalai Wainberg, Neusa Demartini Gomes, Roberto José Ramos e Roberto Porto Simões, com os quais tive o privilégio de ser aluna.

Aos meus queridos colegas Andréia Arruda, Ana Isaia Barretto, Bibiana Barros Echeverria, Cristiane Cirimbelli de Luca, Eduardo Ritter, Felipe Bortolanza, Greicy Weschenfelder, Myriam Cadorin Dutra, Polliane Espindola, Raquel Martins, Silvana Sandini e Veridiana Mello, pelo companheirismo e amizade.

Todo o meu carinho a Alexandre Jaureguy de Almeida, Ana Paula Borba, Isabel Cristina Brettas Duarte, Josemar Martins, Mircéia Cristina Roa e Nelsi Bresolin Ramos. Muito obrigada a todos.

“Mergulha a mente, quando possível, no estudo.  
O estudo liberta da ignorância e favorece a criatura com discernimento.  
O estudo e o trabalho são as asas que facilitam a evolução do ser.  
O conhecimento é mensagem de vida.  
Não apenas nos educandários podes estudar.  
A própria vida é um livro aberto, que ensina a quem deseja aprender”.

*Divaldo Pereira Franco*

## **RESUMO**

Este trabalho nasceu das investigações acerca do jornalismo sensacionalista no Brasil. Devido à ampla utilização de inúmeros termos para designar a existência do sensacionalismo nas notícias e uma imprecisão teórica sobre o assunto, verificamos a necessidade de buscar teorias concisas e claras para esta área dos estudos jornalísticos.

Devido à lacuna existente a respeito do gênero sensacionalista, este estudo busca desvendar as propriedades – linguísticas ou não – necessárias para designar a ocorrência de sensacionalismo na atividade jornalística. Como estudo de caso, abordaremos a morte da menina Isabella Nardoni, ocorrida em março de 2008, em São Paulo, que recebeu uma cobertura jornalística espetacular, comoveu os brasileiros e tornou-se um marco para os estudos sobre os rumos do jornalismo no país.

Os meios de comunicação – dos mais diferentes programas e linhas editoriais – “elegeram” este caso para dar uma cobertura extraordinária, trabalhando, muitas vezes, à frente da investigação policial. Mas por que a garotinha Isabella recebeu tamanha atenção da imprensa e da própria sociedade, que acompanhou tão de perto este crime? E por que o jornalismo é fundamental para não somente noticiar, mas para formar juízo de valor sobre os fatos?

Nesta pesquisa, buscando responder tais questionamentos, iremos abordar a importância do jornalismo na sociedade, mostrando como ele é capaz de influenciar diretamente na opinião pública e incitar, muitas vezes, a violência nas pessoas. Fica evidente que a ampla exposição deste caso na mídia provocou o clamor popular e foi fator determinante para a condenação dos acusados, em júri popular realizado no mês de março de 2010.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Comunicação. Jornalismo. Sensacionalismo. Caso Isabella Nardoni.



## **ABSTRACT**

This study has arisen from investigations on the sensationalist journalism in Brazil. Due to the widespread use of several terms to define the existence of sensationalism in the news and to theoretical imprecision in the subject, we have seen the need to seek concise and clear theories for this area of the journalistic studies.

Because of the existent gap relating to this genre, this study tries to unravel the properties – linguistic ones or not – that are necessary to describe the occurrence of sensationalism in the journalistic activity. As a case study, we will address the death of the girl Isabella Nardoni, which happened in March 2008, in Sao Paulo, and that received spectacular media coverage, touched Brazilian's lives and became a landmark for the studies regarding the course of journalism in the country.

The media – including a variety of programmes and editorial views – “elected” the case to be given extraordinary coverage, working, many times, ahead of the police investigation. But why did the little girl Isabella get such attention from the press and the society itself, which followed this crime so closely? And why is journalism essential to not only announce the news, but also to make value judgments about the facts?

In this research, aiming to answer these questions, the importance of journalism in society will be addressed, by showing how it is able to influence the public opinion directly and instigate, very often, the violence in the people. It is evident that the wide exposure of this case in the media has caused the public outcry and that it was a determining factor to the conviction of the defendants, during the jury trial held in March 2010.

### **Key words:**

Communication. Journalism. Sensationalism. Isabella Nardoni's case.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Em 2008, Isabella Nardoni, de 5 anos, foi assassinada pelo pai e pela madrasta dela .....	13
<b>Figura 2:</b> Menos de um mês após a morte de Isabella, a mãe dela, Ana Carolina Oliveira, já havia recebido 100 mil mensagens de populares no site de relacionamentos Orkut.....	15
<b>Figura 3:</b> A sentença, proferida por volta das 0h40min, foi comemorada por cerca de 200 pessoas que acompanhavam a movimentação do julgamento .....	16
<b>Figura 4:</b> Manifestação de populares em frente ao Fórum de Santana .....	16
<b>Figura 5:</b> Ilustração contendo algumas das regiões cerebrais implicadas no processamento do discurso .....	44
<b>Figura 6:</b> Entrevista exclusiva com a mãe de Isabella elevou os picos de audiência do Fantástico .....	57
<b>Figura 7:</b> Multidão se aglomerava para acompanhar o depoimento do casal na DP58	
<b>Figura 8:</b> Manifestação de populares durante a reconstituição realizada pela Polícia .....	59
<b>Figura 9:</b> Boneca com o mesmo peso e altura de Isabella foi usada na reconstituição do crime.....	60
<b>Figura 10:</b> Na noite do crime, Alexandre diz aos policiais que alguém entrou no prédio e atirou Isabella .....	64
<b>Figura 11:</b> Janela que Isabella foi lançada do 6º andar era do quarto dos irmãos ..	65
<b>Figura 12:</b> O delegado Calil Filho acredita no envolvimento do casal no assassinato de Isabella .....	66
<b>Figura 13:</b> Casal se apresenta no 9º DP .....	67
<b>Figura 14:</b> Massataka Ota visitou a mãe de Isabella no dia do seu aniversário .....	68
<b>Figura 15:</b> Pichações em muros pedem por paz e justiça para o caso .....	69
<b>Figura 16:</b> Imagens do circuito interno de um supermercado horas antes do crime	70
<b>Figura 17:</b> Multidão protestou contra a soltura do casal .....	71
<b>Figura 18:</b> Antônio e Cristiane, pai e irmã de Alexandre Nardoni .....	73
<b>Figura 19:</b> Populares visitam o túmulo de Isabella no dia em que ela completaria 6 anos.....	74
<b>Figura 20:</b> Perícia constata que pegada no lençol é do calçado de Alexandre .....	75
<b>Figura 21:</b> Em missa, mãe de Isabella é consolada por familiares .....	75
<b>Figura 22:</b> As marcas da esganadura são compatíveis com as mãos de Jatobá ....	76
<b>Figura 23:</b> Imagem reproduzida pelo Jornal Nacional .....	77
<b>Figura 24:</b> Entrevista exclusiva do casal ao Fantástico .....	77
<b>Figura 25:</b> Vista aérea do edifício London durante a reconstituição do crime .....	79
<b>Figura 26:</b> Peritos examinam a tela de proteção .....	80
<b>Figura 27:</b> Agentes do Grupo de Operações Especiais (GOE) garantiram a segurança do local .....	81
<b>Figura 28:</b> A mãe de Isabela, Ana Carolina (à esquerda), no palco com o Pe. Marcelo Rossi .....	93

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 A HISTÓRIA DO JORNALISMO SENSACIONALISTA</b> .....	19
2.1 INGREDIENTES DO SENSACIONALISMO .....	25
2.2 <i>FAIT DIVERS</i> .....	28
2.3 AS CORES DA SENSACÃO .....	32
2.4 OPINIÃO PÚBLICA E SENSACIONALISMO .....	33
<b>3 A NATUREZA DO GÊNERO SENSACIONALISTA</b> .....	36
3.1 A NOTÍCIA COMO ESPETÁCULO NA TV .....	36
3.2 AS IMAGENS E O PROCESSO COGNITIVO HUMANO .....	42
3.3 A PRAGMÁTICA E OS ESTUDOS DO JORNALISMO .....	45
<b>4 GUSTAVE LE BON E OS ENSINAMENTOS SOBRE A PSICOLOGIA</b> .....	49
4.1 A IRA DA OPINIÃO PÚBLICA .....	53
4.2 A “MULTIDÃO” NO CASO ISABELLA .....	56
4.3 O CASO ISABELLA NARDONI .....	63
4.3.1 <b>A cronologia</b> .....	64
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	83
5.1 PESQUISA QUALITATIVA .....	83
5.1.1 <b>Análise de Discurso</b> .....	84
5.2 ESTUDOS DE CASO: JORNAL NACIONAL E FANTÁSTICO .....	89
5.2.1 <b>Jornal Nacional</b> .....	89
5.2.2 <b>Fantástico</b> .....	91
5.3 AS ANÁLISES .....	92
5.3.1 <b>Reportagem do Jornal Nacional: 21 de abril de 2008</b> .....	92
5.3.2 <b>Reportagem do Jornal Nacional: 1º de maio de 2008</b> .....	101
5.3.3 <b>Reportagem do Fantástico: 20 de julho de 2008</b> .....	106
<b>6 CONCLUSÃO E DISCUSSÕES</b> .....	112
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116

## 1 INTRODUÇÃO

O sensacional, o espetacular, o inusitado. São palavras que nos remetem a sentimentos de euforia e despertam no ser humano o desejo de “desvendar” os mistérios causados por adjetivos tão impactantes. Quando assistimos a uma telenovela, acompanhamos o desenrolar da trama entre a mocinha e o bandido, porém, sempre nos interessamos em saber qual o final destinado para o vilão. Ousamos, até mesmo, em julgar se o veredicto dado pelo autor realmente foi o merecido.

O jornalismo não é muito diferente de um enredo de novela. Todos os dias assistimos aos mais variados assuntos sendo tratados pelos meios de comunicação, passando do esporte à economia, da política à cultura, da corrupção ao sequestro, e mais uma série de temas que se tornaram cotidianos na nossa vida. São histórias que se repetem diariamente, e a cada capítulo novas surpresas surgem para atrair o telespectador.

Não foi à toa que a morte de Isabella de Oliveira Nardoni preencheu centenas de páginas de jornais e revistas brasileiras, e ocupou, incessantemente, espaços importantes nos noticiários televisivos do mundo todo. Mais que a atenção jornalística, o assassinato de Isabella, no dia 29 de março de 2008, desencadeou uma série de sentimentos nos brasileiros: revolta, indignação, senso de justiça, dor, compaixão, solidariedade.



**Figura 1: Em 2008, Isabella Nardoni, de 5 anos, foi assassinada pelo pai e pela madrasta dela**

A tragédia da garotinha de apenas 5 anos, no edifício London, zona norte de São Paulo, onde os condenados são o pai da menina, Alexandre Nardoni, e a mulher dele, Anna Carolina Jatobá, entrou na pauta dos noticiários brasileiros durante vários meses e recebeu uma cobertura jornalística espetacular, onde a cada momento reportagens exibiam com riqueza de detalhes o desenrolar deste caso dramático. No entanto, por que a morte de Isabella mereceu tamanha repercussão da mídia? E o que motivou as pessoas a acompanhar tão de perto esse crime?

Para justificar a realização deste estudo, buscamos alguns dados sobre a violência infantil no Brasil. Nos últimos oito anos, conforme pesquisa<sup>1</sup> realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), 159.174 crianças sofreram agressões domésticas no país. Estima-se que o número seja ainda maior, já que muitos casos sequer são denunciados. As estatísticas apontam, ainda, que 40 mil dessas crianças ficam em estado grave e cerca de 4 mil delas morrem a cada ano (são, portanto, mais de 10 óbitos por dia).

Outro dado assustador, de acordo com a Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), em 70% dos casos de violência infantil, os agressores são os

---

<sup>1</sup> As informações da pesquisa realizada foram divulgadas pela Revista Imprensa, edição n.º 234, de maio de 2008. Acesso em 3 de novembro de 2009.

próprios pais. O caso Isabella, infelizmente, não é uma raridade no Brasil. Pelo contrário, os números de homicídios contra crianças são alarmantes.

A repercussão da morte de Isabella tem explicação para os estudiosos da área da psicologia humana. No processo cognitivo, os meios de comunicação exercem grande poder ao exibir imagens impactantes e comoventes, bem como narrativas que envolvem o imaginário do público.

Para esta compreensão, colabora Mello e Souza:

Se a comunicação é um processo de reprodução simbólica, evidentemente a arbitração dos símbolos que representam a realidade e que dão sentido à interação humana configura uma operação ideológica. Logo, a atividade jornalística é eminentemente ideológica. Apreender os fatos e retratá-los através de veículos de difusão coletiva significa, nada mais, nada menos, que projetar visões de mundo. E é exatamente isso que os jornalistas fazem cotidianamente. Atuam como mediadores entre os acontecimentos, seus protagonistas e os indivíduos que compõem um universo sociocultural (público destinatário) (MELLO e SOUZA, 1984, p. 39).

Assim, compreendemos que o assassinato da pequena Isabella Nardoni não teria tantos desdobramentos e uma repercussão extraordinária – inclusive internacional – se não houvesse a cobertura excessiva da mídia no desenrolar dos fatos. A imprensa, tão presente na investigação policial, teve acesso (muitas vezes) a material privilegiado e sigiloso, sendo fonte, inclusive, para o processo criminal.

Um investimento, que segundo dados do jornal *Folha de São Paulo*<sup>2</sup>, foi muito alto. A *Rede Globo*, por exemplo, colocou 18 repórteres, 8 produtores e 20 cinegrafistas a campo; na *Record*, foram 30 repórteres e produtores, mais 20 cinegrafistas; já o *SBT* contou com 4 repórteres e 7 cinegrafistas (parece pouco, no entanto, em São Paulo, o *SBT* tem apenas 9 repórteres). As equipes dispensadas à cobertura resultaram no acréscimo de até 46% na audiência dos principais telejornais brasileiros, como o caso do *Brasil Urgente*, da Band.

---

<sup>2</sup> Informações publicadas no site [www.Folha.com](http://www.Folha.com), em 18 de abril de 2008.

O levantamento foi feito na primeira quinzena após o crime e comparado com o mesmo período de 2007, ano anterior ao fato. A mesma reportagem publicada pela *Folha de São Paulo* também apurou que, em uma das edições do **Jornal Nacional**<sup>3</sup>, o caso Isabella ocupou 15 minutos e 20 segundos do noticiário, o que representam 37% do telejornal mais importante do Brasil.

A ampla exposição deste caso na mídia provocou o clamor popular, eis que antes mesmo da liberação de qualquer laudo pericial centenas de pessoas cercavam o carro dos acusados clamando por justiça e taxando-os de assassinos. A partir daí, as manifestações prosseguiram nas casas dos familiares de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, no cemitério onde o corpo de Isabella está sepultado e também em sites de relacionamento<sup>4</sup>, onde a mãe da menina recebeu 100 mil mensagens de apoio em apenas algumas semanas.

**Ana Carolina Oliveira**

recados 100.000+    fotos    vídeos    fãs 194

social    profissional    pessoal

aniversário: 5 abril  
idade: 24

interesses no orkut: amigos, conta  
quem sou eu: EU SEI QUE VOU POR TODA MINHA VIDA EM CADA DESTINO FILHA MARAVILHOSA

+ amigo

**Figura 2: Menos de um mês após a morte de Isabella, a mãe dela, Ana Carolina Oliveira, já havia recebido 100 mil mensagens de populares no site de relacionamentos Orkut**

<sup>3</sup> Edição referente ao dia 15 de abril de 2008, onde os laudos periciais estavam praticamente concluídos.

<sup>4</sup> Acesso ao site de relacionamentos *Orkut*, em 24 de abril de 2008 (menos de um mês após a morte de Isabella).



Cerca de dois anos após a ocorrência do fato, em 22 de março de 2010, os acusados foram a júri popular no Fórum de Santana, zona norte de São Paulo. Na madrugada do dia 27, após cinco dias de julgamento, a sentença: Alexandre Nardoni teve a pena estabelecida em 31 anos, 1 mês e 10 dias de reclusão; Anna Carolina Jatobá, madrasta de Isabella, foi condenada a 26 anos e 8 meses. Ambos ainda cumprirão 8 meses de cadeia pela acusação de fraude processual, pois segundo a promotoria o casal alterou a cena do crime.



Figura 3: A sentença, proferida por volta das 0h40min, foi comemorada por cerca de 200 pessoas que acompanhavam a movimentação do julgamento



Figura 4: Manifestação de populares em frente ao Fórum de Santana



A ampla cobertura deste fato pela imprensa brasileira motivou o desejo de justiça nas pessoas, e milhares delas passaram a se manifestar publicamente a respeito deste crime, evidenciando, portanto, que o desenrolar do processo judicial acompanhou o clima de opinião pública e clamor popular, onde a “multidão”<sup>5</sup> determinou no andamento processual e no veredicto do caso.

Portanto, tratamos até agora de sensacionalismo no jornalismo? À luz das teorias, quais critérios são adotados para designar que uma matéria tem cunho sensacionalista? No Brasil, os estudos sobre esta temática carecem de exatidão a ponto de formarmos uma teoria sobre o jornalismo sensacionalista. Neste trabalho, propomos também esta reflexão.

Além disso, nossos objetivos com a realização desta dissertação são analisar, através de uma pesquisa qualitativa, as reportagens feitas pela Rede Globo para noticiar a morte de Isabella Nardoni, especialmente os vídeos exibidos nos programas ***Fantástico e Jornal Nacional***.

Desta forma, a partir da coleta do material audiovisual, verificar se o gênero sensacionalista esteve presente na narrativa das notícias, levando-se em conta também o contexto em que as reportagens foram exibidas. Como procedimento metodológico, elegemos a Análise de Discurso para nortear este trabalho.

A partir de então, apontaremos os fatores necessários (linguísticos ou não) para considerarmos uma reportagem com propriedades sensacionalistas. Nesta pesquisa, também abordaremos como os relatos mostrados pela mídia televisiva impactaram no processo cognitivo humano e propriamente na opinião pública, eis que a sociedade atuou veementemente no desenrolar deste caso.

Para iniciar esta pesquisa, no primeiro capítulo apresentamos a história do jornalismo sensacionalista, mostrando como surgiu a utilização do termo no Brasil e no mundo. Também apontamos quais são os critérios elencados pelos teóricos para

---

<sup>5</sup> “Multidão” refere-se ao que Le Bon conceitua sobre a irracionalidade dos indivíduos. Para ele, diante de acontecimentos nacionais ou fatos socialmente repudiáveis, as pessoas passam a agir com impulsividade, instabilidade, irritabilidade, entre outros sentimentos.

designar a ocorrência de sensacionalismo nas notícias. Comparamos ainda a utilização da prática sensacionalista com o processo de formação da opinião pública.

Já no segundo capítulo, mostramos a natureza do gênero sensacionalista e como ele está ancorado na espetacularização das notícias. Além disso, evidenciamos o poder que as imagens televisivas exercem no processo cognitivo humano. Neste mesmo capítulo, ressaltamos também a importância da Pragmática para os estudos do jornalismo, eis que é uma área da Linguística pouco explorada nos campos da Comunicação Social.

Posteriormente, tratamos dos ensinamentos de Gustave Le Bon, que muito contribuiu para o entendimento da psicologia humana, principalmente ao estudar o comportamento do indivíduo em grupo. Neste terceiro capítulo, podemos compreender como age a opinião pública diante de fatos socialmente repudiáveis, como o trágico assassinato da menina Isabella Nardoni. Além disso, apresentamos uma breve cronologia do caso a fim de facilitar o entendimento do leitor sobre o assunto.

Por fim, no quarto capítulo, relatamos as nossas escolhas metodológicas para a realização deste estudo. Contextualizamos a Análise de Discurso como método e aplicamos os seus conceitos nas análises das reportagens dos programas ***Fantástico e Jornal Nacional***.

Para finalizar a dissertação, apresentamos as conclusões e discussões sobre o estudo realizado.

## 2 A HISTÓRIA DO JORNALISMO SENSACIONALISTA

Os jornais americanos e franceses, a partir do século XVII, são considerados pelos historiadores como os primeiros a relatar notícias sensacionalistas em suas edições. Desde lá, muito se falou a respeito desta prática no jornalismo. Contudo, uma imprecisão teórica paira sobre os bancos acadêmicos quando a temática é o sensacionalismo.

Uma revisão de literatura, através das principais obras brasileiras, colabora para este trabalho, essencialmente com o objetivo de demonstrar a falta de precisão sobre os conceitos utilizados para designar o uso de sensacionalismo. Além disso, evidenciamos como as considerações são paradoxais: os meios de comunicação que adotam esta prática garantem a audiência, mas também são considerados antiéticos.

É o que argumenta Danilo Angrimani (1995), que define sensacionalismo como a extrapolação do real.

[...] Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria este tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional [...] Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível [...] (ANGRIMANI, 1995 p. 16).

Ainda de acordo com o autor (p. 16), “a linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto”. E prossegue:

[...] sensacionalismo é basicamente uma forma diferente de passar uma informação; uma opção; uma estratégia dos meios de comunicação. Mesmo um telejornal (ou radiojornal) não-sensacionalista pode ter em alguns

momentos de sua produção momentos sensacionalistas [...] A apresentação deve ser chocante, exigindo o envolvimento emocional do público [...] (ANGRIMANI, 1995, p. 41).

Mesmo distante do âmbito jornalístico, a palavra *sensacionalismo* e suas derivações já possuem uma origem forte e impactante. De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1995), encontramos as seguintes definições:

“Sensacional: adjetivo de dois gêneros 1. Que produz sensação intensa. 2. Referente a sensação. 3. Que desperta viva admiração ou entusiasmo; espetacular, formidável: *um filme sensacional*”.

“Sensacionalismo: substantivo masculino 1. Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. 2. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos, etc., com o mesmo fim. 3. Exploração do que é sensacional, na literatura, na arte, etc”.

“Sensacionalista: adjetivo de dois gêneros. Em que há, ou que usa de sensacionalismo: *notícia sensacionalista; jornal sensacionalista*”.

“Sensacionalismo: substantivo masculino 1. Hábito de produzir sensações. 2. *Filos.* Doutrina segundo a qual todo conhecimento provém, e só provém, das sensações; sensualismo”.

Conforme o Dicionário da Comunicação (2002), sensacionalismo tem a seguinte definição:

1. Estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. O apelo ao sensacionalismo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal) [...]

2. Qualquer manifestação literária, artística, etc. Que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público (BARBOSA; RABAÇA, 2002).

Ainda de acordo com Angrimani (1995), o veículo que adota a linguagem sensacionalista nas suas editorias é visto de forma pejorativa perante os demais, pois, desde a sua origem, o termo esteve relacionado com inverdades, falta de apuração, erros e desvios jornalísticos. O autor, que pesquisou o impresso *Notícias Populares*, apontou que até mesmo fatos fictícios, com manchetes alarmantes, eram noticiados para chamar a atenção do leitor.

[...] O sensacionalismo está presente também na linguagem coloquial exagerada, na produção de noticiário que extrapola o real, no tratamento antianódino do fato, na “produção de uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma”, “na exploração do vulgar”, “no destaque a elementos insignificantes [...] na valorização de conteúdos ou temáticas isoladas [...] e sem contextualização político-econômica-social-cultural” [...] (ANGRIMANI, 1995, p. 102).

Para o autor, a psicanálise auxilia na compreensão do fenômeno comunicacional perante o imaginário popular. Desta forma, Angrimani (1995) utiliza as três instâncias da personalidade, desenvolvidas por Sigmund Freud (Id, Ego e Superego), para explicar o sensacionalismo.

Com uma nova visão sobre a psicologia humana (além do inconsciente, pré-consciente e consciente), Freud<sup>6</sup> designou, em 1923, as três instâncias da personalidade humana. A primeira delas – Id – seria formada por instintos primitivos, impulsos e desejos inconscientes regidos pelo princípio do prazer e da satisfação imediata.

O Ego, para Freud, representaria a junção entre as necessidades primitivas do ser humano e também as crenças éticas e morais. Aqui se incluiria a consciência, onde o indivíduo entraria em contato com a realidade propriamente dita.

A terceira instância de personalidade – superego – representaria os valores da sociedade e do grupo no qual o indivíduo está inserido. Partindo desta lógica, o exercício do jornalismo sensacionalista poderia ser explicado da seguinte maneira:

---

<sup>6</sup> Informações obtidas na Wikipédia. Acesso em 27 de janeiro de 2011.

Há, no propósito editorial sensacionalista uma descarga sádica, uma violência, um prazer na destruição, que provoca reações semelhantes no leitor [...] No papel de superego sádico, o jornal (também o radiojornal e o telejornal) sensacionalista age como um educador, proibindo e castigando, mas também com propósitos mais cruéis: há humilhação, domínio, (controle sobre o objeto) e uma perspectiva de quem quer ferir, causar dor (ANGRIMANI, 1995, p. 78).

Assim, com a ânsia de punir os culpados de determinando crime, por exemplo, os meios de comunicação utilizam de estratégias sensacionalistas para comover o seu público e também provocar nele a sensação de punição dos acusados. É o desejo de agir como educador, explicado por Freud quando o ser humano age com a instância de superego.

Angrimani (1995) defende ainda que, elementos como a proximidade, a subjetividade e a emocionalidade não são apenas estratégias de venda de um veículo sensacionalista, mas são responsáveis por suprir as carências do leitor. Do olhar psicanalítico, o uso de sensacionalismo apresenta explicações precisas. Entretanto, no campo do exercício do jornalismo, ainda há lacunas que necessitam de embasamento teórico e prático.

Se o jornalismo sensacionalista se resume em causar sensações nos leitores, ouvintes e telespectadores, portanto, toda mídia pode receber este rótulo. É o que argumenta Márcia Amaral (2003). Para a autora, o jornalismo sensacionalista é um modo diferente de exercer a prática jornalística, que não obedece aos padrões normativos, tidos como modelos para a profissão.

A prática sensacionalista tanto pode significar o uso de artifícios inaceitáveis para a ética jornalística, como também pode se configurar numa estratégia de comunicabilidade com seus leitores através da apropriação de uma matriz cultural e estética diferente daquela que rege a imprensa de referência. O sensacionalismo manifesta-se em vários graus, muitas vezes integra o rol de valores notícia de uma publicação e, portanto, é equivocado tratar do fenômeno *in totum*. Rotular um jornal de sensacionalista é afirmar apenas que ele se dedica a provocar sensações (AMARAL, 2003, p. 134).

Já *Ciro Marcondes Filho* (1989) defende que a prática do jornalismo sensacionalista é uma opção consciente e ideológica do meio de comunicação, bem como do repórter que cobre o fato.

Atuar no jornalismo é uma opção ideológica, ou seja, definir o que vai ao ar, como, com que destaque e com que favorecimento, corresponde a um ato de seleção e de exclusão. Este processo é realizado segundo diversos critérios, que tornam o jornal um veículo de reprodução parcial da realidade. Definir a notícia, escolher a angulação, a manchete, a posição na página ou simplesmente não dá-la é um ato de decisão consciente dos próprios jornalistas. É sobre a notícia que se centra o interesse principal no jornalismo (MARCONDES FILHO, 1989, p. 12).

Para o autor, a notícia é um produto da mídia, algo extremamente comercial: o envolvimento do público garante a audiência e, por consequência, o faturamento do veículo. Assim, o que diferencia um jornal sensacionalista de outro, tido como sério, é apenas a intensidade das emoções. Conforme nos lembra *Marshall McLuhan* (2005), os meios não são mais apenas objetos: são prolongamentos do nosso corpo, são membros hiper-sensíveis que nos habilitam a sentir o mundo com mais intensidade, mais sensação.

Por esse ângulo, de alguma maneira, rotulamos todos os meios de comunicação como sensacionalistas, já que o apelo emocional é uma das principais armas para aproximar o público.

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo [...] (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13).

A visão mercadológica do autor é pertinente, principalmente quando tratamos de grandes meios de comunicação, como a Rede Globo, objeto de estudo nesta dissertação. Porém, deixar de lado o papel de formador social do jornalismo é negar a sua própria razão de existir. A informação não é tão somente uma mercadoria,

consumida deliberadamente pela coletividade, mas um dos pilares da sociedade democrática de direito. Relutar a isto é fechar os olhos diante da importância do jornalismo como agente de transformação, capaz de promover a cidadania, a educação e a justiça social.

Aliás, quando os programas abordam as mazelas da sociedade facilmente são considerados sensacionalistas. Isto porque criamos estereótipos de que a criminalidade e a tragédia estão presentes nas classes baixas e por isso, noticiários apelativos (que se distanciam da objetividade e da imparcialidade, próprias das normas jornalísticas) são produzidos para o público popular, carente de instrução cultural. O caso Isabella é diferente: um crime bárbaro, cometido bem distante da periferia (num condomínio de classe média/alta), onde os apenados possuem ensino superior e boas condições financeiras. Talvez por esses motivos, chocou uma sociedade inteira.

Quando um crime é abordado com sensacionalismo, deixa-se evidente a inconformidade com comportamentos brutais, o que é considerado certo ou errado na sociedade. Desta forma, as pessoas tendem a buscar por justiça, e os meios de comunicação ratificam este comportamento quando estimulam as ações da massa.

Nesse sentido, a imprensa, desde a sua origem, esteve presente nas mobilizações sociais, constituindo um poderoso instrumento de luta. Segundo Muniz Sodré (1994, p. 27), “a imprensa brasileira, por exemplo, tem uma tradição de lutas políticas memoráveis – da abolição da escravatura à derrubada do Estado Novo”. Com isso, os meios de comunicação, como instrumentos que atingem a grande massa da população, ocupam espaços importantes no processo de transformação de uma sociedade.

Lígia Lana (2007) vai ao encontro desta compreensão. A autora defende que os telejornais policiais, por exemplo, deveriam receber outra nomenclatura: telejornais dramáticos. Isto porque, os noticiários populares são, desde sua criação, recheados de melodrama. Na pesquisa sobre o programa *Brasil Urgente*, da Band, ela constatou que o noticiário possui outras características, semelhantes aos programas de auditório e *reality shows*.



[...] Em todas essas emissões, perpassam os dramas, os desastres cotidianos, alguns mais próximos da subjetividade de indivíduos comuns, outros da violência cotidiana das cidades ou ainda da extravagância e do pitoresco de acontecimentos diversos. Interessa a esses programas selecionar ou construir situações dramáticas e comoventes, experiências que provoquem a emoção dos telespectadores [...] (LANA, 2007, p. 15).

Marcondes Filho (1989, p. 29) acredita que o fazer jornalístico já é um ato de sensacionalismo, o que difere um veículo do outro é apenas a intensidade. O autor diz que isto ocorre na medida em que o repórter/editor escolhe o que vai transformar em notícia. “[...] Transformar um fato em notícia é também alterá-lo, dirigi-lo, mutilá-lo”.

O que vai diferenciar um jornal dito “sensacionalista” de outro dito “sério” é somente o grau. Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete (MARCONDES FILHO, 1989, p. 66).

## 2.1 INGREDIENTES DO SENSACIONALISMO

Rosa Nívea Pedroso (2001) é uma das pesquisadoras sobre o jornalismo sensacionalista da mídia impressa no Brasil, sendo uma das grandes referências nesta área de estudo. Segundo a autora, para tornar uma notícia espetacular e sensacional exagera-se na linguagem, na cobertura do fato e nas imagens, buscando a comoção e o envolvimento emotivo do público.

O sensacionalismo, então, é a exploração desse fascínio pelo extraordinário, pelo desvio, pela aberração, pela aventura, que é suposto existir apenas na classe baixa. E é no distanciamento entre leitura e realidade que a informação sensacional se instala como cômica ou trágica, chocante ou atraente (PEDROSO, 2001, p. 52).

Pedroso (2001) afirma que jornalismo sensacionalista produz informações que passam por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução do real social. Conforme a autora, a repetida exposição da violência e da desgraça alheia são ingredientes indispensáveis para o sensacionalismo nas notícias.

[...] a violência e o sexo quase sempre são os temas explorados. E o conteúdo do seu noticiário detém-se na valorização da violência passional, apresentando maior quantidade de informações que se referem à violência pessoal [...] (PEDROSO, 2001, p. 47).

Na pesquisa pelo sensacionalismo nos jornais diários, Pedroso (2001) estabeleceu algumas características que norteiam o discurso sensacionalista:

Intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, impositiva, despolitizadora, fragmentária unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa, *sedutora*; exposição do oculto, mas próximo, produção discursiva sempre na perspectiva trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica [...] (PEDROSO, 2001 p. 122 e 123).

No jornalismo impresso, é através das manchetes que o leitor tem o primeiro contato com a notícia. Elas devem atrair o consumidor para a compra daquele produto, por isso precisam despertar a atenção e o interesse do público. Para Pedroso (2001, p. 4),

[...] o trabalho de manipulação do noticiário precisa continuar na próxima edição, apresentando, novamente, o singular numa embalagem espetacular, capaz de provocar sensações, medos, ansiedades, curiosidades, fantasias, projeções, identificações. E as sensações são

desprovidas de um sentimento estético, pois não estabelecem uma relação com o senso crítico do leitor.

A visão da psicanálise também é defendida pela autora. Ela acredita que o público satisfaz suas vontades através da leitura de tragédias e fatos violentos, por exemplo.

O jornalismo sensacionalista, pela maneira própria de engendramento discursivo, estrutura, representa e permite o acesso ao mundo da liberdade pela exploração dos temas agressivos, homicidas e aventureiros, que não podendo realizar-se na vida cotidiana, submetida à lei e à censura, tendem a realizar-se, projetivamente, na leitura. Isto é, na realização da construção (PEDROSO, 2001, p. 49).

Porém, não é apenas na valorização dos atos violentos e das tragédias que uma publicação sensacionalista se difere de outra tradicionalmente informativa. A exploração do sexo, a banalização da figura feminina (como instrumento para garantir as vendas e a audiência), a marginalidade, o vulgar, o promíscuo, a apologia ao preconceito de raça e sexo, etc., também são assuntos que caracterizam o sensacionalismo.

A mulher fetiche do jornal sensacionalista vem envolta em lingerie, sapatos de salto alto e adereços (chapéus, capas e luvas). Sob essa cobertura de “símbolos fálicos”, essa mulher – que não é mais a mulher – engendra uma inversão perversa: está numa posição de idolatria, mas nessa investidura não é mais um indivíduo, e sim aquilo que falta, peça sobressalente, “aparelhagem”. Objeto de culto de uma religião privada, a mulher fetiche é deslocada do real. Perde contato com o social e se transfere para o imaginário, onde passa a existir como “reliquia”, “coisa sagrada”, no limite esquizofrênico, onde os espaços da realidade e da representação parecem se juntar promiscuamente (ANGRIMANI, 1995, p. 73).

Já Dines *apud* Amaral (2006, p. 134 e 135) divide o sensacionalismo em três categorias: gráfico, linguístico e temático. O primeiro é destinado aos leitores que não possuem o hábito da leitura, então o jornal utiliza mais elementos visuais em detrimento do fato propriamente dito. Na categoria linguística, há uso da linguagem para chamar a atenção; e, por fim, o temático, é destinado para descrever a

categoria das matérias que vendem. Neste aspecto, não há preocupação com o interesse social da reportagem, mas do seu conteúdo (que deve despertar emoções no leitor).

O apelo ao entretenimento é outra característica que se sobressai no gênero sensacionalista. Essencialmente nas publicações e/ou programações populares encontramos a exploração de assuntos banais, a prática do assistencialismo e a prestação de serviços, bem como a exacerbada utilização de “personagens” da vida real para dramatizar o cotidiano humano.

Além disso, quando tratamos da mídia televisiva, a exposição dos fatos toma maiores proporções. O trágico e o violento ganham imagens, sons, angulações e movimentos. A respeito disso, no processo de conhecimento humano, o saber e a representação mental é que formam a imagem que temos sobre algo ou alguém (Santaella; Nöth, 1999). Portanto, ao vermos cenas acompanhadas de narrativas chocantes, adquirimos uma determinada representação mental para, desta forma, formamos juízo de valor sobre o assunto ou acontecimento.

## 2.2 FAIT DIVERS

O termo francês *fait divers*, traduzido para a Língua Portuguesa como “fatos diversos”, é considerado uma categoria presente na prática jornalística por apresentar assuntos inusitados e que teoricamente não se incluíam em uma editoria tradicional como política, economia, esportes, geral, turismo, internacional, etc.

Assim, o *fait divers* é carregado de informações curiosas, atraentes ao público, que realmente incitam ao consumo pelo jornal e à audiência tão almejada pelos veículos eletrônicos. Portanto, o *fait divers* não se distancia da linguagem sensacionalista do jornalismo.

O *fait divers* como informação auto-suficiente traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia,

impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar um efeito de algo vivido no crime, no sexo e na morte. Conseqüentemente, provoca impressões, efeitos e imagens (que estão comprimidos nas formas de valorização gráfica, visual, espacial e discursiva do *fato-sensação*) (PEDROSO, 2001, p. 106).

Para tornar-se atrativo, o *fait divers* precisa conter assuntos relativos ao cotidiano das pessoas, que estejam próximos da sua realidade e despertem interesse pelo tema. Segundo Edgar Morin (1997), a presença de *fait divers* no espaço da imprensa se justifica pelo valor emocional que eles tem em relação aos espectadores. Assim, o imaginário humano é ocupado pelos desejos menos conscientes dos indivíduos, muitas vezes despertados através dos crimes, das tragédias e da morte.

O modo sensacionalista de construção do fato, então, escolhe aspectos representáveis da vida porque precisa suscitar interesse e estimular a atenção do leitor, o qual deve ser orientado na sua simpatia e emoções, supostamente já conhecidas. Por essa razão, os aspectos temáticos valorizados são sempre coloridos pela emoção [...] Esse modo de cativar/seduzir/encantar o leitor é buscado no *efeito de fantástico* (que inspira admiração, medo, curiosidade pelo real exagerado e engendrado discursivamente como extravagante, mas verossímil) (PEDROSO, 2001, p. 112).

Em contrapartida, há autores que definem a prática sensacionalista como uma forma de distorcer a realidade, utilizando informações inverídicas a fim de manipular a opinião pública. A guerra pela audiência nas emissoras de TV, essencialmente, resulta em reportagens polêmicas visando entreter o telespectador, provocando sentimentos diversos como euforia, perplexidade e indignação.

Contudo, esse fenômeno não é recente, e sim, uma prática enraizada no mundo todo, visto que os primeiros jornais norte-americanos (*The Public Occurrences*, criado em 1690) e franceses (*Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*, ambos publicados a partir de 1631) tinham um caráter sensacionalista.

Editado em 25 de setembro de 1690, por Benjamin Harris, *The Public Occurrences* referia-se aos índios como “selvagens miseráveis”, alardeava uma possível epidemia de sarampo em Boston e relatava histórias inverídicas sobre a

vida amorosa do rei francês, conforme Angrimani (1995). Resultado: o governo proibiu a publicação do impresso e a segunda edição não chegou a circular. Por isso, na história da imprensa americana somente em 1704 é considerado o surgimento do seu primeiro jornal: *The Boston News-Letter*, editado em 24 de abril por John Campbell.

Já na França, também eram muito comuns os chamados jornais populares, “*canards*”, que tinham apenas uma página, porém o conteúdo era extremamente sensacionalista: trazia crianças violentadas, cadáveres expostos de maneira bárbara, além de grandes tragédias como naufrágios e desastres de trem. Angrimani (1995) relata algumas manchetes contidas nos “*canards*”: “Um crime abominável! Um homem de 60 anos cortado em pedaços” e “Um crime sem precedentes! Uma mulher queimada viva por seus filhos”.

Estes relatos servem de exemplos para evidenciar a origem do jornalismo sensacionalista no mundo. Com tamanha falta de bom senso, não é difícil compreender o porquê muitos autores definem o termo *sensacionalismo* como adjetivo pejorativo aos meios de comunicação. Aliás, aqueles programas que adotam tal prática dificilmente assumem esse papel perante a sociedade. Isto porque dimensionar um fato a ponto de torná-lo sensacional pode, muitas vezes, ir de encontro aos preceitos éticos inerentes à profissão e também com os compromissos de veracidade da notícia.

No Brasil, há autores que acreditam que o sensacionalismo já estava presente nos folhetins, a partir de 1840. Mas foi com o aparecimento dos jornais diários, a partir de 1920, que este gênero garantiu o sucesso de publicações dos jornais. Horrores cotidianos ganharam destaque em manchetes, ilustrações e fotos de impressos específicos para esse tipo de conteúdo (Barbosa; Enne, 2005).

Porém, é o periódico *Notícias Populares (NP)* que pode ser considerado um grande exemplo brasileiro de jornalismo sensacionalista. Por meio de títulos excêntricos e reportagens banais, o jornal foi criado em São Paulo, no dia 15 de outubro de 1963, com a intenção de fazer concorrência com a publicação

esquerdista *Última Hora*, que surgiu nos anos 50 a pedido do governo de Getúlio Vargas.

Em 1971, o *NP* era uma mistura de linguagem cômica e exacerbação do crime e do sexo. Uma das histórias mais estranhas que marcaram a existência do *Notícias Populares* foi a publicação de uma notícia falsa, dando conta do nascimento de uma criança com características físicas de um demônio, na cidade de São Bernardo do Campo, SP. A informação alimentou 22 edições do jornal (de 11 de maio a 1º de junho de 1975), causou polêmica entre os moradores e, conseqüentemente, esgotou os exemplares nas bancas.

Na década de 1990, com a proibição das matérias falsas, o jornal não perdeu seu caráter sensacionalista: continuava apostando em tons exagerados para relatar a criminalidade, o sexo e a fofoca. Sua extinção ocorreu em 20 de janeiro de 2001.

Como vimos, a imprensa sensacionalista ancora-se em aspectos psicológicos. Assim, o noticiário exerce uma função terapêutica para o público tráfegar pelas zonas proibidas do inconsciente. Um jornal *espetacular* como era o *Notícias Populares* por vezes era transgressor, por outras, tinha caráter punitivo. Chegou a publicar matérias sobre um suposto campeonato de sexo entre atores pornô e também mostrou um ladrão morrendo, sendo "comido aos pouquinhos pela AIDS".

Com o fechamento do periódico, o sensacionalismo não deixou de existir. Apenas mudou o foco. Hoje encontramos esse tipo de narrativa muito facilmente na televisão, o que prova que a sociedade alimenta tal estilo jornalístico. É aí que encontramos a desgraça alheia, a violência, a marginalidade, as drogas, as catástrofes, os crimes bárbaros. Quanto mais chocantes as imagens, maior a audiência. Desde o início da utilização da prática sensacionalista esta é a lógica.

[...] Ora, uma das conseqüências da prática de apresentar o jornalismo como o "show-rnalismo" é o enfraquecimento ou o total apagamento da fronteira entre o real e o fictício (ARBEX JR., 2001, p. 32).

Para Silva (2000, p. 34) “o jornalismo sensacionalista sempre existiu. A novidade é a tentativa de fazer crer que se trata de algo sério. O esforço legitimador termina sempre em sonantes gargalhadas”. O autor prossegue:

[...] Por trás dessa assertiva pseudo-psicológica, abriga-se a refutação do pensamento, o repúdio à reflexão, a rejeição ao intelectualismo, o esvaziamento da função educativa da imprensa. Na era do lúdico, somente o gozo fácil justifica o investimento (SILVA, 2000, p. 43).

Os estudos acerca da psicologia humana demonstram que o público não adquire apenas opinião com base nos meios de comunicação, mas tende a tomar atitudes violentas conforme os estímulos a que está submetido.

A mídia é sensível à capacidade que tais atos violentos têm de atingir com vigor os sentidos das pessoas. A atenção dos públicos é um produto escasso, e a violência, ao capturá-la, presta um serviço que vai além do mero despertar da percepção dos leitores, ouvintes e telespectadores. A própria recepção dos diversos segmentos do público é desafiada (WAINBERG, 2005, p. 11).

## 2.3 AS CORES DA SENSAÇÃO

No Brasil, quando um meio de comunicação, programa ou jornalista é conhecido por dramatizar, exagerar e explorar os fatos, dizemos que ele faz parte da “imprensa marrom”. A expressão foi utilizada pela primeira vez em 1960, pelo repórter Alberto Dines, em analogia ao “*yellow journalism*” americano. A “imprensa amarela” era conhecida como chocante e sensacionalista, e surgiu no final do século XIX com a concorrência dos jornais *New York World* e *The New York Journal*.

A cor amarela da imprensa sensacionalista americana deriva do personagem *Yellow Kid*, que foi a primeira tira em quadrinhos da história. Os editores dos jornais entraram em disputa pelas charges do garoto de camiseta amarela e então o termo



pegou. Os críticos da época utilizavam o “*yellow journalism*” de forma pejorativa e condenatória.

Já no Brasil, a expressão mudou porque o editor do jornal carioca Diário da Noite, Calazans Fernandes, acreditava que o amarelo era ameno demais. Diante de uma notícia impactante sobre a imprensa sensacionalista da época, o jornalista Alberto Dines trocou a manchete pelo “marrom”. A partir de então, as publicações conhecidas como sensacionalistas no país ganharam uma nova cor.

## 2.4 OPINIÃO PÚBLICA E SENSACIONALISMO

Pela etimologia verificamos que opinião provém do latim *opinio* e significa apreciação, parecer, convicção, crença, ideia, julgamento, pensamento, ponto de vista. Nas sociedades politeístas, a opinião estava ligada aos deuses, confundindo-se com falsa expectativa, fantasia ou julgamento equivocado, principalmente por deficiência na interpretação dos recados divinos.

De acordo com Champagne (1996), a noção acerca dos termos “opinião pública” surgiu na França, por volta do século XVIII e remetia às elites cultas o significado de “conhecimento provisório”.

A “opinião pública é, assim, uma espécie de máquina de guerra ideológica “improvisada”, durante o século XVIII, pelas elites intelectuais e pela burguesia de toga a fim de legitimar suas próprias reivindicações no campo político e enfraquecer o absolutismo régio [...] (CHAMPAGNE, 1996, p. 48).

Com o surgimento dos meios de comunicação, os conceitos sobre opinião pública evoluíram, principalmente porque o acesso às informações foi facilitado com a chegada do rádio, dos jornais e da televisão. Nos dias de hoje, o advento de novas tecnologias, essencialmente da internet, permite ao receptor diversas formas de obter opinião sobre determinado assunto ou tema.

Para Tupã Gomes Corrêa (1988, p. 12):

A opinião pública é parte do processo de comunicação, por quanto pode ser entendida como um dos efeitos ao nível da comunicação coletiva, pressupondo para tanto a existência de um estímulo, mensagem ou conteúdo de significados, produzido ou emitido por alguém, e captado pelo todo ou parte da sociedade [...]

E Corrêa (1988) prossegue: “a opinião nada mais é do que a expressão de algum interesse (positivo ou negativo) por um ou mais indivíduos, sobre algo que lhes interessa”. Então, opinião pública seria o sentimento da maioria da população sobre alguma temática, em um referido momento.

A opinião pública é o objeto de permanente expropriação, exploração e mistificação por parte dos setores que controlam o poder, com o propósito de preservá-lo e conservar inalteradas as suas estruturas (CORRÊA, 1988, p. 28).

Desde a invenção da imprensa, por Gutenberg na metade do século XV, a própria técnica da imprensa e suas funções na sociedade tomaram outras dimensões, de forma a propiciar uma circulação muito mais intensa e efetiva de informação e, conseqüentemente, de opinião.

Na política, a imprensa contribui cada vez mais para dar valor às coisas. Os jornalistas são verdadeiros líderes de opinião e participam cada vez mais estreitamente das manifestações, contribuindo para a fabricação desses novos grupos que são públicos [...] (CHAMPAGNE, 1996, p. 68).

Desta forma, podemos perceber como os profissionais de comunicação são determinantes para este processo de formação da opinião pública, já que grande parte do conhecimento da população advém dos noticiários, jornais, revistas, documentários e programas divulgados nas mídias eletrônicas.

Até agora, através do referencial teórico sobre o sensacionalismo nas notícias, percebemos que este estilo jornalístico ancora-se em aspectos psicológicos (e por isso explora as sensações dos indivíduos), visando chamar a atenção da opinião pública (a ponto de provocar envolvimento e comoção) com o propósito de educar, punir ou fazer justiça sobre o assunto explorado.

### 3 A NATUREZA DO GÊNERO SENSACIONALISTA

#### 3.1 A NOTÍCIA COMO ESPETÁCULO NA TV

A notícia é uma forma de divulgar um fato relevante pelos meios de comunicação, onde a informação é sua matéria-prima. Segundo o Dicionário de Comunicação (1987), a definição de notícia é:

O relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade; e capaz de ser compreendido pelo público. [...] A notícia é tudo que o público deseja saber. A essência, pois, da notícia está determinada pelo interesse público. [...] Mas para que, com toda a técnica jornalística, se produza uma boa notícia, é essencial que o fato reúna determinados atributos, como: atualidade, veracidade, oportunidade, interesse humano, raridade, curiosidade, importância e consequências para a comunidade, proximidade, etc. (RABAÇA, 1987, p. 418).

Porém, a exposição excessiva de alguns casos na mídia, onde a repercussão de um fato avança os limites entre a realidade e a ficção, é chamada de espetacularização da notícia. Esse tipo de prática é muito comum na televisão, pois através da intensidade das imagens é possível que o telespectador acompanhe de perto o desenrolar dos acontecimentos narrados pelo repórter. Além disso, técnicas de suspense também ajudam a aumentar a curiosidade humana, estimulando o consumo de jornais e a audiência de programas televisivos e de rádio.

A TV está profundamente mergulhada nas transformações sociais do início do século XXI e ao mesmo tempo em que sofre suas influências, contribui para que elas se processem. A televisão é a janela para o eterno e o presente, registra cenas da história da humanidade imaginadas apenas nos filmes de ficção (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 13).

A grande arma da TV é o fato de mostrar o acontecimento, muitas vezes em tempo real, diferentemente de outros meios de massa como o jornal e o rádio. Isto faz com que a imagem tenha um forte poder emocional e apelativo, pois traz as

peças para “dentro” da notícia. “As lentes de aproximação ou *zoom* da câmara simulam aquilo que o observador humano faz ao processar a imagem dos olhos: presta atenção no detalhe, sem perda total da visão do conjunto” (Lage, 1985, p. 27). Esse é o diferencial: o impacto e as sensações que as imagens podem causar ao público.

Assim, no telejornalismo, é comum a imagem tornar-se a própria notícia. Sobre isto, Maciel (1995) complementa:

O ver da televisão é muito mais poderoso do que o contar dos outros veículos de comunicação. O telespectador pode até duvidar do que lê num jornal ou do que ouve no rádio, mas dificilmente vai deixar de acreditar no que ele próprio viu (MACIEL, 1995, p. 16).

Paternostro (1999, p. 73) colabora para este entendimento. “Na prática do trabalho com a imagem, a sensibilidade também se desenvolve. Juntar imagem, emoção e informação é uma boa alternativa para transmitir a notícia com a qualidade ideal”. Além disso, para tornar o jornalismo espetacular aplica-se um tom teatral, muitas vezes com suspense e efeitos sonoros nas reportagens.

A televisão, embora jovem, é um aparelho que atende a necessidades humanas muito antigas, que em outras épocas foram, bem ou mal, atendidas por outros meios. Há 100 anos, os trabalhadores e as trabalhadoras satisfaziam suas fantasias com romances populares, vendidos aos milhões para a população de baixa renda. Esses livretos apaixonavam as pessoas, faziam-nas sonhar, fabricavam, enfim, sensações de ansiedade e prazer (MARCONDES FILHO, 1988, p. 7).

De acordo com Guy Debord (1997), existe espetacularização nas notícias porque o homem é demasiado espectador. O autor francês tornou-se polêmico ao publicar a obra *Sociedade do Espetáculo*, em 1967, fazendo duras críticas ao capitalismo, à burguesia e ao culto às imagens.

Debord foi um dos pioneiros a tratar sobre a temática do espetáculo nos meios de comunicação, abordando as suas consequências para a vida pós-

moderna. O autor, que também era filósofo e diretor de cinema, abordou em 221 conceitos a alienação da sociedade em razão do culto ao consumo. Para ele, os meios de comunicação são a “manifestação mais esmagadora” do espetáculo (Debord, 1997, p. 20). Assim, as pessoas passariam a viver num mundo movido pelo consumo de fatos, notícias, produtos e mercadorias.

Nesse sentido, Martín Barbero *apud* Ciro Marcondes Filho (1988, p. 41) tem o mesmo pensamento de Debord. Para ele “o espetáculo não se define pelos conteúdos senão pela sua *eficácia visual* [...] A fascinação vem da forma espetacular e não do que se transmite oralmente”. O autor acredita que para analisar os meios televisivos é preciso “se fixar na magia do *show*. O espetáculo é a linguagem da televisão [...]”

Isso é a televisão. A distância entre as emoções, a dor, a vida real, as preocupações, as ansiedades, as tristezas, as esperanças das pessoas, e o que aparece na tela, representando tudo isso: um compacto de clichês de tristeza, de dor e de estórias efêmeras; mistura fácil de componentes triviais de apelo. E milhões de pessoas se deixam embalar por essas cenas (MARCONDES FILHO, 1988, p. 52).

Já Dominique Wolton (1996), analisa a televisão como um meio democrático para o público escolher o que deseja consumir.

A televisão é um espetáculo de um gênero popular, destinado a um público imenso, anônimo e heterogêneo, inseparável de uma programação que garante uma oferta quase contínua de imagens de gêneros e status diferentes. Esta é a razão fundamental do sucesso da televisão e da sua unidade, ou seja, a continuidade e a mistura diversificada de imagens, cuja recepção e interpretação ninguém domina (WOLTON, 1996, p. 67).

O autor argumenta ainda que a mídia televisiva exerce a função de estabelecer laços sociais, pois é um meio igualitário para adquirir informação, uma vez que reforça o sentimento de igualdade entre as pessoas.

Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dele como quer, sem

ter que prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social (WOLTON, 1996, p. 65).

Outros autores atribuem a popularidade da televisão pelo montante de investimentos que ela recebe do segmento publicitário. Em um universo competitivo, é fundamental considerar o interesse mercadológico da mídia, e, por isso, qualquer ponto a mais na audiência significa mais lucro.

[...] A TV predomina porque é o meio de maior penetração na sociedade e, conseqüentemente, recebe a maior parte dos investimentos publicitários. Só ela abocanha mais da metade de todo o dinheiro, o que possibilita contar com recursos consideráveis para investir em equipamentos de última geração, capazes de captar e transmitir imagens e sons com rapidez e fidelidade cada vez maiores [...] (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 14).

Independentemente dos investimentos dispensados às emissoras de TV é indiscutível o fascínio que as mensagens televisivas exercem sobre as pessoas. Pode-se dizer que o espetáculo midiático tornou-se uma válvula de escape para o telespectador, que fornece, cada vez mais, audiência a programas que relatam o cotidiano humano, como os *reality shows*. Por exemplo, como explicar os mais de 2 bilhões e 500 milhões de votos nas 10 edições do *Big Brother Brasil*? Os números da participação popular são alarmantes e demonstram que o público não somente alimenta esse tipo de espetáculo, mas gosta da interação proporcionada pela mídia.

Já o jornalismo-espetáculo mostra seguir pelo mesmo caminho dos *reality shows*: o entretenimento. O monopólio dos meios de comunicação de massa torna possíveis exageros nos quais o espetáculo da realidade traz polêmica e chama atenção, usando, muitas vezes, elementos de manipulação. As notícias espetaculares, recheadas de fatos inusitados, são ainda mais impactantes na mente humana: os sons e as imagens representam um simulacro do real.

A ideia de realidade virtual é proporcionar a sensação do "estar lá" oferecendo pelo menos ao olho o que ele teria visto se estivesse lá e, mais importante do que isso, fazendo com que a imagem mude

instantaneamente de acordo com o ponto de vista. Nossa percepção da realidade espacial é determinada por várias informações visuais tais como o tamanho relativo, o brilho e o movimento angular (Negroponte, 1995, p. 115).

José Arbex Jr. (2001) aponta vários fatores que considera responsáveis pela transformação do jornalismo em show. Segundo o autor, a informação em excesso, a necessidade dos furos de reportagem para alavancar a audiência e estar à frente da concorrência são apenas alguns exemplos do cotidiano do jornalismo que acabam por transformar a informação em mercadoria sensacional.

No anseio de captar a atenção do grande público, os noticiários carregam as ferramentas da dramatização para as redações. Assim, é comum vermos a “reconstituição” de crimes, recheada de detalhes gráficos e informações precisas de técnicos e autoridades policiais. Tudo para tornar a notícia mais perto da realidade das pessoas. Inúmeras vezes esse recurso foi utilizado no caso Isabella Nardoni, como analisaremos nos capítulos seguintes.

Outro exemplo da espetacularização na TV é a dramatização feita por atores, semelhante ao desenrolar de uma novela. A Rede Globo, com o extinto *Linha Direta*<sup>7</sup>, utilizava sua supremacia na teledramaturgia brasileira para mostrar esse tipo de encenação com imagens chocantes e sensacionalistas. O programa, que era exibido até o início de 2008, exibia reconstituições de crimes históricos e outros ainda não solucionados pela Justiça. Na equipe, 150 profissionais da Central Globo de Jornalismo e também de Produção.

Portanto, partindo do pressuposto que o telejornalismo tem natureza espetacular, a transformação de notícias em espetáculos midiáticos é mais do que uma tendência: é a consolidação da existência da TV. Assim, é inegável que a exibição de *shows* em detrimento da informação asseguram a audiência, porém o jornalismo corre o risco de perder o interesse público, uma das razões de sua origem.

---

<sup>7</sup> Informações obtidas no site [www.globo.com/memoriaglobo](http://www.globo.com/memoriaglobo). Acesso em 27 de janeiro de 2011.



A televisão fascina por outros meios e de maneira mais perspicaz que as demais formas de comunicação: ela introduz uma *linguagem* diferente, que primeiro atrai o receptor, para depois ser incorporada por ele. Nessa medida, ela muda completamente – através de um fato técnico, de sua linguagem – os hábitos de recepção e de percepção da sociedade e da cultura (MARCONDES FILHO, 1988, p. 37).

Para a notícia transformar-se em espetáculo são imprescindíveis alguns ingredientes: violência, dramas familiares, escândalos políticos, tragédias, entre outros temas chocantes para o convívio em sociedade. Além do assassinato de Isabella – objeto de análise deste trabalho – recentemente outro caso bárbaro tornou-se um triste espetáculo midiático (ainda sem fim): o desaparecimento e suposta morte de Eliza Samudio, ex-namorada do goleiro Bruno Fernandes, jogador do Flamengo.

O caso Eliza ainda não foi elucidado pela Justiça brasileira. Porém, de acordo com os autos do processo, Bruno é um dos acusados do assassinato da modelo. Na época, o filho dela estava com quatro meses de idade e o jogador negava o reconhecimento da paternidade. Durante a gravidez, Eliza já havia registrado queixa contra Bruno na DEAM (Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher) de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, por tentativa de sequestro, agressão e ameaça. Bruno nega ter cometido os delitos.

Em 4 de junho de 2010, Eliza fez o último contato com a família, alegando que viajaria para Minas Gerais a fim de se encontrar com Bruno, a pedido dele. Desde então, a modelo está desaparecida, e, pela polícia, é considerada morta desde o dia 9 de junho (vítima de estrangulamento e posterior esquartejamento). O corpo não foi encontrado, mas para a polícia não há dúvidas do assassinato.

Diante da barbárie descrita acima, não há como deixar de indignar-se com fatos como esses. Uma cobertura espetaculosa é apenas um detalhe. A própria sociedade tem sede de acompanhar a elucidação das investigações e ver os culpados na cadeia. É o desejo de justiça. Quando o respeito à vida humana são deixados de lado com tanta crueldade – como demonstrado no caso Eliza e

igualmente no caso Isabella – os próprios cidadãos tem a ânsia de punir os responsáveis e afastá-los do convívio social.

Neste aspecto, os meios de comunicação exercem papel importante, pois diante do clamor popular atuam como reforços na cobrança por leis mais severas por parte do poder público. Aliás, a nova legislação<sup>8</sup> que torna mais rígida a sanção para os crimes hediondos, assim como a Lei n.º 11.340/2006 (Maria da Penha)<sup>9</sup>, só entrou em vigor com a pressão conjunta da sociedade e da imprensa.

### 3.2 AS IMAGENS E O PROCESSO COGNITIVO HUMANO

Desde os primórdios da humanidade, é inegável a importância das imagens para a comunicação entre as pessoas. Nos tempos pré-históricos, com a inexistência da escrita, os povos antigos utilizavam ossos de animais, sangue e argila para retratar aspectos do dia a dia como a dança e a caça. Também era comum encontrar palmas de mãos desenhadas no interior de grutas e cavernas.

Com a evolução da sociedade, o surgimento da escrita, a Revolução Industrial, o processo de modernização, a globalização, entre vários outros fatores determinantes para o avanço mundial, as imagens também se tornaram ferramentas indissociáveis do nosso cotidiano. Seja na televisão, no celular, na internet, nos *outdoors*, nas revistas e outras dezenas de aparatos tecnológicos, somos bombardeados constantemente por mensagens visuais.

Alguns autores acreditam que até mesmo para a comunicação oral é imprescindível a imagem. Nesse sentido, Aristóteles já era precursor, pois acreditava que não existia pensamento sem imagem.

---

<sup>8</sup> Foi aprovada por unanimidade na Câmara dos Deputados um projeto de lei que restringe o benefício da liberdade provisória para os presos condenados por crimes hediondos. O projeto foi apresentado no início de 2006, mas a votação só foi retomada por conta da comoção causada pela morte do menino João Hélio Fernandes Vieites, 6 anos, assassinado em 7 de fevereiro de 2007, após um assalto no Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> A lei n.º 11.340/2006, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha aumentou o rigor das punições de agressões contra a mulher, quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar. A lei entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006.

Na realidade, o código verbal não pode se desenvolver sem imagens. O nosso discurso verbal está permeado de imagens, ou como Peirce diria, de iconicidade. Assim, a palavra “teoria”, aliás, já contém na sua raiz uma imagem, pois “teoria”, na sua etimologia, significa “vista”, que vem do verbo grego *theorein*: “ver, olhar, contemplar ou mirar” (SANTAELLA; NÖTH, 1999, p. 14).

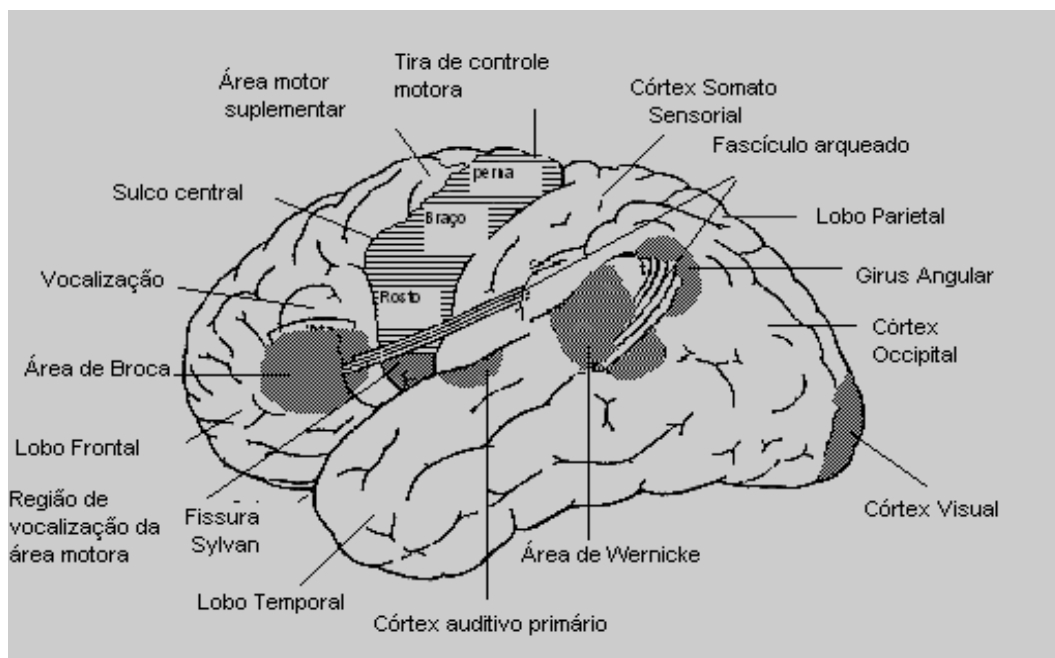
Santaella; Nöth (1999, p. 32) destacam também que “o conhecimento tem, somente de acordo com essas teorias, caráter de uma imagem como um esquema, um mapa cognitivo e, principalmente, como estrutura mental espacial”. Cientes da importância do “ver” para o processo cognitivo humano, os meios de comunicação utilizam diversas formas de recursos e ferramentas visuais para prender a atenção do telespectador, que se sente, muitas vezes, parte integrante da própria notícia. Nesse aspecto, as reportagens de TV tornam-se ainda mais fascinantes, pois trazem movimento à realidade.

Na história da semântica também se encontra a ideia de que significados de palavras devem ser interpretados como imagens mentais – mesmo que ninguém tenha defendido com sucesso a tese radical, de que palavras em todos os casos evocam imagens mentais [...] (SANTAELLA; NÖTH, 1999, p. 14).

Assim, vários autores defendem a importância das imagens e a sua relação com o processo cognitivo humano. Costa; Pereira (2009, p. 77), acredita que o entendimento do discurso se dá através de elementos fonológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos, juntamente com “a informação extratextual ligada à nossa memória de longo prazo, a qual é recrutada durante a inferenciação de significado e acomodação, na memória, da informação gerada [...]”. Desta forma seria construída a produção e a compreensão do discurso.

A figura abaixo (Costa; Pereira, 2009, p. 92) demonstra algumas regiões cerebrais implicadas no processamento do discurso. Os estudos são realizados com a utilização de técnicas da neuroimagem e a escuta passiva de histórias. A figura reporta algumas das investigações sobre a compreensão e a produção do discurso

por indivíduos sem lesão cerebral, identificando os tipos de técnicas empregadas, as especificidades das tarefas e as áreas cerebrais envolvidas.



**Figura 5: Ilustração contendo algumas das regiões cerebrais implicadas no processamento do discurso**

De acordo com a figura representada no estudo, as regiões cerebrais ativadas para a compreensão e a produção de discurso são: regiões temporais mediais (principalmente o hemisfério direito), responsáveis por processos integradores para a coerência global; lobos frontais inferiores nos hemisférios direito e esquerdo, para o processamento de histórias dentro de uma representação coerente; região temporal esquerda, principalmente o hipocampo, responsável pela manutenção da coerência da informação nova e, portanto, relacionada a processos de memória. Já as áreas frontais do hemisfério direito revelaram ativação em tarefas que demandaram a construção de representações de histórias (Costa; Pereira, 2009, p. 89).

Sobre as pesquisas acerca das regiões cerebrais ativadas no processamento do discurso, a autora complementa:

Apesar de os estudos ainda serem muito lacunares, um grande avanço tem sido obtido nos últimos anos, enriquecido pelo refinamento das técnicas de neuroimagem, as quais têm permitido o estudo do processamento do discurso de uma forma ecologicamente mais válida [...] (COSTA; PEREIRA, 2009, p. 95).

Corroborando com esta ótica, temos a linguagem *clichê* da televisão. Isto significa que

as tristezas, as dores, as lágrimas relembram inconscientemente ao telespectador momentos emocionalmente fortes de sua vida. Essas emoções, entretanto, permanecem mentais [...] Vários são os clichês que aparecem nos produtos de televisão e que apelam para os sentimentos das pessoas fazendo-as se emocionar (MARCONDES FILHO, 1988, p. 48).

A linguagem *clichê*, atribuída à TV, diz que os telespectadores se identificam instantaneamente, por exemplo, com cenas padronizadas como a “*família feliz do comercial da margarina*”, “*o casamento e a noiva com vestido branco*”. Além dessa identificação, as pessoas também buscam reviver emoções antigas através das representações televisivas. Como esse tipo de linguagem exerce conotação apelativa e emocional, podemos compreender que o *clichê* colabora para as representações mentais que adquirimos através das imagens. Com isso, a utilização de *clichês* também é fundamental para a espetacularização no jornalismo, uma vez que promove a identificação e o apelo emotivo do público com as notícias.

Fascinam também os clichês linguísticos e o espetáculo. Este encerra a lógica de todas as produções de TV – dos noticiários aos programas de calouros, das transmissões esportivas aos debates políticos. A televisão, enfim, espetaculariza todos os acontecimentos; esse é seu modo de transmitir o mundo para o mundo (MARCONDES FILHO, 1988, p. 41).

### 3.3 A PRAGMÁTICA E OS ESTUDOS DO JORNALISMO

Os estudos acerca da comunicação social não podem ser analisados isoladamente, como um campo restrito, igualmente ocorrem nas ciências exatas. O

jornalismo, devido a sua atuação na sociedade, acompanha as evoluções sociais e da mesma forma se modifica e se moderniza.

Corroborando com a ótica da interdisciplinaridade, torna-se fundamental unir outras áreas de estudo visando colaborar para novos entendimentos no campo da pesquisa acadêmica. Assim, uma área pouco explorada nos estudos jornalísticos é a Pragmática, que é nova para a comunicação social, porém muito útil para compreender os significados das enunciações, mesmo que estejam implícitos.

A Pragmática é uma subárea da Linguística destinada a estudar o contexto da enunciação. Diferentemente da Semântica – que analisa a interpretação puramente dos significados – a Pragmática entende que o contexto e os não-ditos também devem ser considerados. Esse tipo de estudo pode ser considerado novo, pois se desenvolveu nos últimos 50 anos graças às pesquisas de teóricos como John Austin, Peter Strawson e Paul Grice. Eles analisaram as seguintes áreas de pesquisa: atos de fala, indexicalidade e contexto, aspectos não-intrínsecos do significado e as implicações contextuais.

A origem do termo provém da expressão “*pragma*”, que significa “coisa”, e do verbo “*pracein*”, que quer dizer “agir”, “fazer”. Com a análise pragmática é possível compreender a linguagem natural e a influência do contexto em que ela está inserida. Deste modo, a precisão na definição do significado já não é tão garantida como aquela que leva em conta as expressões livres de contexto (Batista, 2008. p. 7).

Com o objetivo de sistematizar a Pragmática e estabelecer uma interface com a Semântica (que é o estudo de significados de uma língua), surgem vários teóricos que tentam explicar o processo da linguagem em uso de forma objetiva. Assim, Austin (1962), com a Teoria dos Atos de Fala; Searle (1969), com estudos complementares a Austin; Grice (1967-1975), com a Teoria das Implicaturas Conversacionais; Sperber e Wilson (1986), com a Teoria da Relevância; e Levinson (1983-2000) são alguns dos autores que referenciam a importância das pesquisas sobre a Pragmática (Batista, 2008. p. 8).

As inferências pragmáticas fazem parte da comunicação humana. Quando o falante, por exemplo, diz algo “nas entrelinhas”, o ouvinte precisa inferir informação que não foi dita, mas sugerida pelo dito. Ou seja, há uma implicatura por detrás do que é expresso pelo falante [...] (BATISTA, 2008, p. 8).

Na área da Linguística, torna-se relevante estudar a interface entre as teorias da Semântica e da Pragmática, já que a primeira se detém às noções do significado e a segunda, ao contexto das enunciações. Desta forma, a Pragmática demonstra a linguagem contextualizada e, por isso, deve ser considerada também nos estudos comunicacionais, visto que pode desvendar novas condições teóricas ao jornalismo.

Para Batista (2008, p. 12), a Semântica unicamente não dá conta de explicar a amplitude do significado e por isso a análise pragmática entra em cena para compreender tudo aquilo que vai além do que é codificado. Nesse sentido, a autora defende que “para se ter uma comunicação eficiente, precisa-se levar em conta a relação dito *versus* implicado, pois ao falar as pessoas não constroem significado somente a partir do que é expresso literalmente”.

Paul Grice (1975) se destaca na história da Linguística por apresentar um campo inovador aos estudos da comunicação. O autor acredita que “há muito mais dito do que o que é expresso. Essa ideia é consistente, pois pode ser demonstrada através de cálculos precisos [...]” (Batista, 2008, p. 28). Através da utilização da lógica, Grice demonstra que o significado das palavras remete àquilo que o falante quer significar. Nesse sentido, o autor defende que as palavras dizem respeito ao que as pessoas significam com elas.

Para o campo da Comunicação Social, Grice e outros teóricos que estudam a Pragmática e suas implicações nos enunciados são, muitas vezes, desconhecidos. Porém, seus estudos devem ser considerados, pois vislumbram novas possibilidades de análise e teorização, muitas relacionadas ao poder de persuasão e intencionalidade do falante, e também à significação considerando-se o contexto.

Através da pragmática, o desenvolvimento de estudos mais rigorosos deve-se especialmente ao reconhecimento de que uma abordagem mais completa para o significado das sentenças da linguagem natural deve contemplar um tratamento intencional e uma sistematização do contexto-de-uso dessas sentenças. Essa outra maneira de estudar o significado mostrou também que, qualquer teoria que pretenda abordá-lo, não pode deixar de lado um dos seus fenômenos mais interessantes, qual seja, a questão da significação implícita. Como é possível um enunciado transmitir mais do que aquilo que está expresso na sentença? (SARTORI, 1999, p. 11).



## 4 GUSTAVE LE BON E OS ENSINAMENTOS SOBRE A PSICOLOGIA

Traduzida para 16 línguas, *Psicologia das Multidões* relata o comportamento humano, bem como as ideias, raciocínios e sentimentos das chamadas “multidões”. Para Le Bon, quando estão em grupo, as pessoas adquirem comportamentos distintos e são tomadas por uma força irracional, agindo assim, nos extremos: para o bem ou para o mau.

Em 1895, o autor publicou o seu primeiro trabalho sobre a *Psicologia das Multidões*, mostrando a forma como os indivíduos se comportam quando estão em grupo. Entre os livros de Le Bon, esta obra obteve uma das maiores tiragens e em 1928 já haviam sido vendidos mais de 39.600 exemplares.

De natureza conservadora, seus escritos tiveram início na década de 1860, após um curso inacabado de Medicina, e trataram sobre uma diversidade de temas: adestramento de cavalos, fisiologia, antropologia, física, química, fotografia, história das civilizações, tabaco, política internacional e psicologia. Profissionalmente, nunca seguiu a carreira de médico e atuou apenas como voluntário na guerra franco-prussiana de 1870.

O médico e sociólogo francês, Charles-Marie Gustave Le Bon, vivenciou e observou as imensas transformações sociais ocorridas na passagem do século XIX para o XX (viveu entre 1841 e 1931). Esta experiência o inspirou a escrever sobre como as pessoas se organizam em multidões e, neste estado, como elas pensam o mundo.

Para o autor, as grandes mudanças sociais decorreram não apenas de grandes guerras, mas sim de uma profunda transformação na mentalidade das pessoas, fazendo com que novas crenças e opiniões também determinassem na evolução política das civilizações. Além disso, as descobertas na ciência e as novas

tecnologias produzidas pela indústria (mesmo que ainda no século XIX) trouxeram condições de vida propícias para as mudanças.

Como afirma Le Bon, para formar uma “multidão psicológica”, apenas uma aglomeração de pessoas não bastaria.

O fato de muitos indivíduos se encontrarem acidentalmente lado a lado não lhes confere as características de uma multidão organizada. Mil indivíduos reunidos ao acaso em uma praça pública sem qualquer objetivo determinado não constituem absolutamente uma multidão psicológica. Para adquirir suas características específicas, é preciso haver influência de certos estímulos [...] (BON, 2008, p. 29 e 30).

De acordo com o autor, milhares de indivíduos separados e sob o estímulo de emoções violentas podem adquirir características de uma multidão, agindo assim com impulsividade, instabilidade, irritabilidade, entre outros sentimentos. Tais comportamentos se dão mediante acontecimentos nacionais ou fatos socialmente repudiáveis, onde os estímulos externos podem despertar uma espécie de consciência coletiva.

Nesse raciocínio, o autor explica que em determinados momentos da história grupos formados por menos de dez homens adquiriram o comportamento de uma multidão, mesmo não estando reunidos num determinado espaço geográfico. Contudo, o mesmo exemplo serve para os casos onde mais de cem homens, no mesmo local, não agiram como multidão.

Diante disso, Le Bon defende que as multidões são suscetíveis a estímulos externos e apresentam características particulares, que variam com a estrutura mental dos indivíduos e a forma como são organizados em grupos. O autor procurou esclarecer, ainda, que a alma das multidões se estabelece de acordo com o grau de estímulos a que estão submetidas.

Assim, uma pessoa (independente da sua ocupação ou modo de vida) quando integra uma multidão perde o individualismo e adota a chamada “alma coletiva”, onde começa a pensar e agir de modo diverso daquele que teria caso

estivesse sozinha. Porém, Le Bon explica que a multidão psicológica é composta por elementos heterogêneos e possui uma peculiaridade semelhante à química, onde os componentes postos juntos não se somam, mas se transformam em um novo elemento com características e propriedades distintas daquelas que o constituíram.

Para Le Bon, as qualidades do caráter individual do homem são apagadas dentro de uma multidão e o heterogêneo se perde em detrimento do homogêneo. Portanto, aquelas decisões que necessitam de elevada aptidão do indivíduo não devem ser tomadas pela multidão, conforme segue:

As decisões de interesse geral tomadas por uma assembléia de homens distintos, mas de especialidades diversas, não são sensivelmente superiores às decisões que uma reunião de imbecis tomaria. De fato, podem apenas associar as qualidades medíocres que todo mundo possui. As multidões acumulam não a inteligência, mas a mediocridade (BON, 2008, p. 34).

Um dos motivos que fazem a pessoa integrar uma multidão é o sentimento de invencibilidade que o grupo oferece. Assim, a ação se dá pelos instintos e não pela racionalidade, características muito visíveis na multidão anônima (que não representa classe ou instituição). Nesse tipo de classificação, os sentimentos primitivos tornam-se latentes e incontroláveis, desaparecendo do indivíduo qualquer senso de responsabilidade.

Outro motivo é o contágio mental sofrido pela multidão, onde “as observações coletivas são as mais equivocadas de todas e são geralmente a mera ilusão de um indivíduo, que, mediante contágio, sugestionou os outros” (Bon, 2008, p. 49). O autor acredita que os grupos agem sob o mesmo instinto de orientação, sacrificando seus interesses pessoais em detrimento do bem coletivo.

[...] Na multidão, o exagero de um sentimento é fortalecido pelo fato de que, propagando-se muito rapidamente mediante sugestão e contágio, a aprovação de que se torna objeto aumenta sua força consideravelmente (BON, 2008, p. 51).

Para ele, torna-se evidente concluir que o indivíduo na multidão age fora da consciência de seus atos, e tem a capacidade de discernimento destruída pelo grupo. Assim, prevalecem os comportamentos instintivos e a personalidade inconsciente.

Pelo simples fato de fazer parte de uma multidão, o homem desce, portanto vários degraus na escala da civilização. Isolado era talvez um indivíduo culto, na multidão é um instintivo, conseqüentemente um bárbaro. Possui espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos. Aproxima-se deles também por sua facilidade em se deixar impressionar por palavras, imagens e conduzir a atos que lesam seus mais evidentes interesses. O indivíduo na multidão é um grão de areia no meio de outros grãos de areia que o vento agita a seu bel-prazer (BON, 2008, p. 36).

Na sua obra, Le Bon faz um comparativo entre os comportamentos da multidão e os júris populares, onde as pessoas responsáveis pelo julgamento podem condenar determinada atitude que individualmente não reprovariam. Dessa forma, o jurado, uma vez que dotado de anonimato, incorpora juízos de valores externos, um sentimento que não é seu, para fazer parte do grupo.

Assim:

Não é somente pelos atos que o indivíduo na multidão difere de seu eu normal. Antes mesmo de ter perdido toda independência, suas idéias e seus sentimentos se transformaram a ponto de poder converter o avaro em pródigo, o cético em crente, o homem honesto em criminoso, o covarde em herói. A renúncia a todos os seus privilégios, votada pela nobreza num momento de entusiasmo durante a famosa noite de 4 de agosto de 1789, certamente jamais teria sido aceita por qualquer um de seus membros tomados isoladamente (BON, 2008, p. 37).

A instabilidade das multidões segue os diversos impulsos externos, onde o comportamento conseqüente poderá ser generoso ou cruel, heróico ou covarde. Portanto, impossível de prevermos atitudes premeditadas e dotadas de razão e consciência.

A multidão não é somente impulsiva e instável. Como o selvagem, não admite obstáculo entre seu desejo e a realização desse desejo, ainda mais que o número lhe proporciona uma sensação de poder irresistível (BON, 2008, p. 41).

Le Bon acredita que para o indivíduo que compõe a multidão, o sentimento e a noção de impossibilidade de realização não existem, o que lhe proporciona uma sensação irresistível de poder. O homem individualmente possui diversas limitações (físicas, de criação, crenças e valores do caráter individual, por exemplo), ocorre que ao fazer parte de um grupo tão numeroso qualquer pessoa perde a noção de limites.

No pensamento de Gustave Le Bon, sempre que há um grupo ou uma multidão também existe um chefe ou um líder. Instintivamente, os seres humanos ou animais se colocam sob a autoridade de uma pessoa, que os conduzirá.

Nos grupos humanos, o líder possui um papel considerável. Sua vontade é o núcleo em torno do qual se formam e se identificam as opiniões. A multidão é um rebanho que não poderia prescindir de mestre (BON, 2008, p. 111).

Geralmente, os condutores são homens de ação e não de pensamento. Na própria capa da obra, Le Bon já dizia: “Pouco aptas ao raciocínio, as multidões mostram-se muito aptas à ação”, isto para demonstrar a capacidade de agir conforme os instintos e sem racionalizar as atitudes.

Em cada esfera social, da mais alta a mais baixa, a partir do instante em que o homem deixa de ser isolado, ele logo cai sob o domínio de um condutor. Pelo fato de a maioria dos indivíduos, sobretudo nas massas populares, não possuir, fora sua especialidade, qualquer idéia clara e articulada, ela é incapaz de conduzir a si mesma. O condutor lhes serve de guia. A rigor, pode ser substituído, embora muito insatisfatoriamente, por essas publicações periódicas que fabricam opiniões para seus leitores e lhes proporcionam frases feitas, dispensando-os de refletir (BON, 2008, p. 113).

#### 4.1 A IRA DA OPINIÃO PÚBLICA

Na época desta obra, 1895, muito distante da nossa realidade em termos de tecnologias e meios de comunicação de massa, o autor já se mostrava muito apto a

perceber a influência da imprensa na formação da opinião pública. Mostrava ainda sua preocupação na falta de reflexão por parte dos receptores e o certo “comodismo” que isto causaria.

Seguindo a mesma lógica do comportamento das multidões, o autor diz que a opinião também é formada através de imitação e contágio.

O contágio é poderoso o bastante para impor aos homens não somente certas opiniões como também certos modos de sentir. Faz com que uma determinada obra seja desprezada numa época, como o *Tannhäuser* por exemplo, e alguns anos mais tarde admirada justamente por aqueles que mais a denegriam (BON, 2008, p. 120).

Então, por mais que as multidões estejam imersas na neutralidade, elas se encontram em estado de atenção e sempre na expectativa de serem sugestionadas, onde a primeira sugestão se impõe imediatamente por contágio, e logo assume a orientação do grupo. Ainda, o autor defende que normalmente nos seres sugestionáveis a orientação tende a se tornar em ato.

[...] incitada pela violência de sentimentos próprios aos seres que não podem apelar a influências racionais, desprovida de espírito crítico, a multidão não pode senão mostrar-se de uma credulidade excessiva [...] (BON, 2008, p. 43).

Para o autor, portanto, a razão conduz a incoerência em relação à multidão, pois esta não a vê, tampouco apresenta reações similares ao raciocínio, pois incapaz de separar o subjetivo do objetivo, agindo simplesmente pelo mais primitivo impulso.

[...] o ponto de partida da sugestão é sempre a ilusão produzida em um indivíduo por meio de reminiscências mais ou menos vagas, seguida do contágio mediante afirmação dessa ilusão primitiva. Se o primeiro observador for muito impressionável, bastará que o cadáver que acredita reconhecer presente – longe de qualquer semelhança real – alguma particularidade, uma cicatriz ou detalhe de vestuário capaz de evocar nele a lembrança de outra pessoa [...] (BON, 2008, p. 47).

Conforme Le Bon, da mesma forma acontece com as crenças. Elas se proliferam a partir da afirmação e posteriormente pela repetição e pelo contágio.

As opiniões e as crenças propagam-se pelo mecanismo do contágio e muito pouco pelo do raciocínio. É na taverna, por afirmação, repetição e contágio, que as atuais opiniões dos operários se estabelecem. As crenças das multidões de todas as épocas não foram criadas de outro modo (BON, 2008, p. 120).

Em um dado momento, o autor faz a seguinte referência, que se assemelha muito ao que chamaremos anos depois, nas Teorias da Comunicação, de hipótese da Espiral do Silêncio.

[...] o contágio, após ocorrer nas camadas populares, passa em seguida para as camadas superiores da sociedade. É assim, que, atualmente, as doutrinas socialistas começam a ganhar aqueles que seriam, entretanto, suas primeiras vítimas. Diante do mecanismo do contágio, o próprio interesse pessoal desaparece (BON, 2008, p. 120).

Esse “contágio” de opiniões a que Le Bon se refere e que passa de uma camada social a outra podemos identificar nas Teorias da Comunicação com a chamada Espiral do Silêncio, estudada e desenvolvida a partir de 1972. A pesquisadora alemã, Elisabeth Noelle-Neumann, precursora desta hipótese, diz que as opiniões seriam moldadas a partir de uma tendência de pensamento de determinado grupo.

De acordo com Hohlfeldt; Martino; França (2007) para evitar o isolamento, os indivíduos tendem a calar seus posicionamentos ao imaginar ou perceber que a opinião das pessoas que os rodeiam é diversa das suas. Desta forma, a opinião pública é, na verdade, a opinião da maioria das pessoas que se expressa nos meios de comunicação. Pode-se dizer que, não com as mesmas palavras, essas afirmações são muito semelhantes ao que Le Bon já afirmava em 1895 na sua obra. Talvez tenha inspirado o pensamento da própria pesquisadora décadas depois.

Para completar, Le Bon afirma que os mecanismos para agir no inconsciente das multidões são: afirmação, repetição e contágio.

Quando se trata de fazer penetrar lentamente idéias e crença no espírito das multidões – as teorias modernas, por exemplo – os métodos dos líderes são diferentes. Eles recorrem principalmente aos três seguintes procedimentos: a afirmação, a repetição e o contágio. Sua ação é bastante lenta, mas os efeitos são duradouros. A afirmação pura e simples, livre de todo o raciocínio e de toda prova, constitui um meio garantido de fazer uma idéia penetrar no espírito das multidões [...] (BON, 2008, p. 116 e 117).

Quando uma opinião foi suficientemente repetida, forma-se o que o autor chama de “corrente de opinião” (o que conhecemos depois por “clima de opinião”), que atua diretamente no processo de contágio entre as pessoas, como “se fossem micróbios” (Bon, 2008, p. 118).

## 4.2 A “MULTIDÃO” NO CASO ISABELLA

Após mais de um século da publicação de *Psicologia das Multidões*, podemos fazer diversas analogias com relação à temporalidade desta obra. Apesar de várias ideias de retrocesso com relação à evolução humana e ao preconceito racial, Le Bon torna-se muito atual quando aborda a respeito das características das multidões.

A impulsividade e a irracionalidade, entre outros sentimentos, que o autor se refere às multidões, estiveram muito presentes nos acontecimentos posteriores à morte de Isabella de Oliveira Nardoni, no dia 29 de março de 2008, em São Paulo. Os milhares de brasileiros que acompanharam o *espetáculo* produzido pela mídia no desenrolar deste caso foram tomados por uma mistura de sentimentos: revolta, indignação, senso de justiça, compaixão, solidariedade.

Os estudos na área da Psicologia demonstram que vários fatores são determinantes para o processo cognitivo humano. Muitos deles estão relacionados



com o poder que os meios de comunicação tem ao exibir imagens com riqueza de detalhes e narrativas que envolvem o público. Le Bon já tratava a respeito disso:

[...] Na história, a aparência sempre teve um papel muito mais importante que a realidade. Nela, o irreal predomina sobre o real. Como as multidões só conseguem pensar por imagens, só se deixam impressionar por imagens. Somente estas últimas as aterrorizam ou seduzem e se tornam móveis de ação (BON, 2008, p. 67 e 68).

No jornalismo sensacionalista são utilizadas linguagens que conotam apelo, inverdades, exagero e emoção, tudo para envolver o receptor e contribuir para que os efeitos psicológicos gerados a partir dessa linguagem sejam intensos. Desta forma, as entrevistas exclusivas exibidas no programa **Fantástico** com a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, foram recheadas de lágrimas e comoção. Na época, especulava-se que a audiência da Rede Globo, durante a exibição, teria crescido 46% devido ao furo<sup>10</sup> apresentado pela emissora.



**Figura 6: Entrevista exclusiva com a mãe de Isabella elevou os picos de audiência do Fantástico**

---

<sup>10</sup> No jornalismo, furo é o jargão utilizado para a informação publicada em um veículo antes de todos os demais.

Porém, é difícil explicar porque tantos programas – das mais diferentes linhas editoriais – acompanharam os acontecimentos do caso Nardoni. Em uma das coberturas espetaculares da Rede Globo, reproduzida ao vivo no noticiário *Jornal Hoje*, os acusados deslocavam-se até a Delegacia de Polícia para prestar depoimento. Devido a multidão que se aglomerava para ver de perto Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, as emissoras de TV acompanharam a trajetória do casal pelos helicópteros, e o *JH* mostrou as imagens em tempo real.



**Figura 7: Multidão se aglomerava para acompanhar o depoimento do casal na DP**

Tantos holofotes e tamanha infra-estrutura jornalística destinada para acompanhar o trajeto de dois suspeitos até a DP. Nesse instante, seriam apenas “meros suspeitos” de um crime ou astros de uma novela negra? É pertinente ressaltar que a ampla exposição deste caso na mídia provocou o clamor popular, pois antes mesmo da liberação de qualquer laudo pericial centenas de pessoas cercavam o carro dos acusados, protestando por justiça e taxando-os de assassinos.

Inútil acrescentar que a incapacidade das multidões para raciocinar adequadamente priva-as de todo espírito crítico, isto é, da habilidade de discernir a verdade do erro, de formular um juízo preciso. Os juízos que aceitam são apenas juízos impostos, nunca juízos discutidos. Desse ponto de vista, são muitos os indivíduos que não se elevam acima das multidões. A facilidade com que se difundem certas opiniões liga-se sobretudo à impossibilidade da maioria dos homens de formar uma opinião pessoal baseada em seus próprios raciocínios (BON, 2008, p. 66 e 67).

Mas qual a explicação para tanto envolvimento, já que a vítima era uma desconhecida e tantas mortes semelhantes ocorrem diariamente no Brasil?

Tudo o que afeta a imaginação das multidões apresenta-se sob a forma de uma imagem comovente e clara, desprovida de interpretação acessória ou não tendo outro acompanhamento senão alguns fatos admiráveis: uma grande vitória, um grande milagre, um grande crime, uma grande esperança. É importante acrescentar as coisas em bloco, sem jamais indicar sua gênese. Com pequenos delitos ou com pequenos acidentes não afetarão em nada a imaginação das multidões, ao passo que um único crime, uma única catástrofe as comoverão profundamente [...] (BON, 2008, p. 69).

A cobertura excessiva dos meios de comunicação na investigação policial (inclusive, com acesso de jornalistas a material sigiloso), provocou o interesse da sociedade sobre este fato. A intensidade das imagens reproduzidas pelas emissoras de TV (reconstituindo o crime, inclusive) afetou diretamente o inconsciente das pessoas, sendo que estas reproduções estimularam e deram orientação violenta à multidão.



Figura 8: Manifestação de populares durante a reconstituição realizada pela Polícia



**Figura 9: Boneca com o mesmo peso e altura de Isabella foi usada na reconstituição do crime**

Le Bon afirma que a psicologia da multidão é formada a partir de sugestões externas, fazendo com que os indivíduos de um determinado grupo – afim ou não – tomem atitudes que isoladamente não tomariam. No caso Nardoni não foi diferente, pois influenciados pelas notícias chocantes, a multidão se revoltou até mesmo contra a família dos acusados. As atitudes dos populares demonstram a sugestionabilidade referida por Le Bon, onde os sujeitos seguem a orientação externa desconsiderando a veracidade dos fatos.

Pelo desenrolar dos acontecimentos, percebemos que a multidão agiu com impulsividade e agressividade, sem discernimento sobre as fortes acusações que proferiram naquelas ocasiões, uma vez que as notícias tratavam da investigação e sequer o pai e a madrasta de Isabella haviam sido denunciados. Legalmente, tratava-se apenas da fase inquisitória.

Portanto, as ideias de Le Bon, mesmo escritas no século XIX, podem ser totalmente aplicadas neste caso, já que todos os posicionamentos do autor foram refletidos na multidão. Os atos de indignação contra os acusados demonstraram total falta de conhecimento sobre o andamento jurídico brasileiro, pois naquela fase processual ainda não se tinha comprovada a culpabilidade de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Eis que, no Direito Penal existe o chamado *in dubio pro reo*, que é uma expressão do latim e que significa justamente a presunção de inocência do cidadão. Assim, o indivíduo só pode ser considerado culpado após o trânsito em julgado da ação processual.

Portanto, resta evidente que as pessoas que compõem determinado grupo ignoram, sob a influência deste, qualquer tipo de raciocínio ou civilidade, mostrando que Le Bon já estava certo ao afirmar que a multidão é bárbara e totalmente ignorante.

Assim, os brasileiros se chocaram e se emocionaram com a morte da menina Isabella e, a opinião pública, sob estímulos e influências do meio, já havia condenado os acusados antes mesmo da realização do júri popular.

[...] Como as multidões só conhecem os sentimentos simples e extremos, as opiniões, idéias e crenças que lhes são sugeridas são aceitas ou rejeitadas em bloco e consideradas como verdades absolutas ou erros não menos absolutos. É o que sempre ocorre com crenças determinadas mediante sugestão, que não foram engendradas mediante raciocínio (BON, 2008, p. 62).

Logo, neste exemplo, podemos identificar que as manifestações e características da multidão ainda se aplicam hoje em dia. Embora com relações sociais mais evoluídas, os grupos continuam agindo, muitas vezes, pelo instinto e pela irracionalidade.

Por óbvio, já conhecemos o final da história Nardoni, visto que o julgamento do casal ocorreu em março de 2010. Porém, resta a indagação: a polícia, o Poder Judiciário e o próprio conselho de sentença que decidiu pela condenação dos acusados também foram “contaminados” pela sugestão da multidão?



Sem qualquer dúvida sobre o que acredita ser verdadeiro ou falso e possuindo, por outro lado, a clara noção de sua força, a multidão é tão autoritária quanto intolerante. O indivíduo pode aceitar a contradição e a discussão, a multidão nunca as suporta [...] (BON, 2008, p. 54).

Desta forma, muitas atitudes da população em relação ao caso Isabella são totalmente justificáveis, pois as pessoas demonstraram seus sentimentos simplesmente por estarem sujeitas e receptivas às informações dos veículos de massa. Então, as ideias de Le Bon possuem significados importantes para a interpretação da opinião pública, uma vez que as características e manifestações da multidão constituem um comportamento que independe do desenvolvimento intelectual ou social do indivíduo.

O caso Isabella Nardoni é apenas um exemplo, dentre tantos existentes, que permite analisar cautelosamente a influência da mídia sobre a sociedade, bem como a sua reação perante os estímulos e as orientações a que está sujeita.

Como vimos, o pensamento de Le Bon possui aplicabilidade até hoje. Seus conceitos foram reconhecidos não apenas na França, mas em todo o mundo e, especialmente por Sigmund Freud, a partir do século XX, por referenciar Le Bon nos seus estudos sobre a *psique* humana. Desta forma, resta evidenciado que a multidão exerce muito poder com relação às decisões no âmbito social, mesmo que o autor tenha enfatizado a irracionalidade e a falta de senso crítico das pessoas.

[...] Em certas circunstâncias específicas, e somente nessas circunstâncias, uma aglomeração de homens possui características novas muito diferentes daquelas de cada indivíduo que a compõe. A personalidade consciente desaparece, os sentimentos e as idéias de todas as unidades orientam-se numa mesma direção. Forma-se uma alma coletiva, sem dúvida transitória, mas que apresenta características muito nítidas. A coletividade torna-se então, o que, na falta de uma expressão melhor, eu chamaria uma multidão organizada ou, se preferirmos, uma multidão psicológica [...] (BON, 2008, p. 29).

### 4.3 O CASO ISABELLA NARDONI

A fim de fundamentarmos a nossa pesquisa, faremos uma breve cronologia sobre o caso Isabella, desde o dia da morte da menina, de 5 anos, em São Paulo (29 de março de 2008) até a conclusão do inquérito<sup>11</sup> pela polícia, em 30 de abril do mesmo ano.

Neste trabalho, determinamos este período por ser fundamental para uma investigação criminal por colher provas materiais, ouvir testemunhas e oferecer a denúncia à Justiça. Após esta etapa, ocorreu a ação penal e o desenrolar dos fatos que determinaram para a elucidação do caso e a condenação dos réus.

Outro motivo para evidenciarmos um mês dos fatos foi a intensa cobertura da imprensa durante a fase inquisitória, o que, muitas vezes, ocorreu à frente da investigação pericial e da própria polícia. Assim, podemos verificar a quantidade de informações veiculadas pela Rede Globo em seus noticiários, onde a cobertura exaustiva, dia após dia, se assemelhou a uma minissérie, que pode ser acompanhada nos mais diferentes horários e em qualquer programa, independente de sua linha editorial. A banalização da morte foi o *espetáculo* que preencheu a imprensa brasileira por mais de dois anos, pois ainda hoje a menina Isabella Nardoni é “pauta quente”<sup>12</sup> para a mídia.

As informações para relatarmos a cronologia dos fatos foram retiradas do portal da Rede Globo ([www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com)), já que pertence ao mesmo grupo de comunicação do **Jornal Nacional** e **Fantástico**, objetos deste estudo.

---

<sup>11</sup> O inquérito policial é um procedimento administrativo, previsto no Código de Processo Penal Brasileiro. Ele antecede a ação penal e serve para reunir os elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e sua autoria. No inquérito não há acusados, mesmo porque não há processo penal.

<sup>12</sup> No jargão jornalístico, o assunto importante do dia é chamado de "pauta quente".

### 4.1.1 A cronologia

#### 29 de março de 2008 (sábado):

Às 23h30, Isabella Nardoni cai do 6º andar sobre o gramado em frente ao prédio. A menina chega a ser socorrida, mas morre pouco depois. O pai da menina, Alexandre Nardoni, e a mulher dele, Anna Carolina Jatobá, vão à Delegacia de Polícia, onde dizem que alguém jogou Isabella do apartamento, mas desconhecem quem foi.

Alexandre conta que chegou da casa da sogra com a família e subiu sozinho com Isabella. Diz que levou a menina até o quarto dela e ligou o abajur. Depois trancou a porta do apartamento e voltou à garagem para ajudar a mulher a subir com os outros dois filhos. Afirmou ainda que, quando voltou ao apartamento, viu a tela de proteção da janela rompida e a filha no jardim. Os médicos legistas analisaram o corpo e encontraram ferimentos que podem ter sido feitos antes da queda. O pai e a madrasta passaram a madrugada na DP.



Figura 10: Na noite do crime, Alexandre diz aos policiais que alguém entrou no prédio e atirou Isabella



**30 de março (domingo):**

Os depoimentos duraram o dia todo e a polícia fala pela primeira vez. O delegado afirma que foi homicídio e não acidente, porque a menina não sofreu uma queda acidental. Segundo a polícia, alguém rompeu a tela protetora da janela e jogou a criança.

**31 de março (segunda-feira):**

Isabella Nardoni é enterrada de manhã e o avô materno, José Arcanjo de Oliveira, é o único a dar declarações. Diz que o caso abalou a família inteira. No apartamento, os peritos descobrem que a tela rompida é a da janela do quarto dos irmãos, não do quarto da Isabella. Recolhem a tela e alguns utensílios de cozinha que possam ter sido usados para fazer o corte. Também levam amostras do sangue encontrado em vários pontos do apartamento e as roupas da vítima. Um operário que trabalhou no prédio presta depoimento, confirma que teve um desentendimento com o pai de Isabella, mas nega envolvimento na morte.



**Figura 11: Janela que Isabella foi lançada do 6º andar era do quarto dos irmãos**

**1º de abril (terça-feira):**

A polícia ouve seis pessoas: o primeiro policial a chegar ao prédio (logo depois da morte), dois ex-vizinhos e três vizinhos da família. Eles contam que ouviram gritos. O advogado da família Nardoni e o delegado Calixto Calil Filho tem interpretações diferentes sobre os depoimentos prestados.



**Figura 12: O delegado Calil Filho acredita no envolvimento do casal no assassinato de Isabella**

**2 de abril (quarta-feira):**

A mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, presta depoimento. Com base nas declarações, a polícia pede a prisão temporária do pai e da madrasta de Isabella, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Peixoto Jatobá. A Justiça aceita e determina a prisão. Os peritos voltam ao apartamento e examinam também a garagem e o carro da família. Os investigadores vão à casa dos pais de Alexandre pedir que eles convençam o filho a se entregar.

**3 de abril (quinta-feira):**

Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá divulgam cartas, escritas de próprio punho, em que afirmam não serem culpados pela morte da criança e declaram amor por Isabella. Os advogados negociam a apresentação do casal, o que ocorre no fim da tarde. Eles se apresentam no Fórum de Santana, na zona

norte, passam pelo 9º Distrito Policial e fazem exames de corpo de delito no Instituto Médico-Legal (IML). Eles são levados para delegacias distintas.



**Figura 13: Casal se apresenta no 9º DP**



#### **4 de abril (sexta-feira):**

Dados preliminares do exame toxicológico feito no casal Alexandre e Anna Carolina constataam que nenhum dos dois havia ingerido álcool ou qualquer tipo de droga na noite da morte de Isabella.

O promotor Francisco Cembranelli afirma que há trechos "fantasiosos" nos depoimentos dados à polícia pelo casal. Ele visita o prédio do pai de Isabella. Depois de passar 45 minutos no local, diz que "qualquer conclusão sobre o caso é precipitada". Também na sexta-feira é realizada uma nova perícia no prédio. Técnicos do Instituto de Criminalística (IC) mediram o muro que cerca o prédio e

verificaram qual seria a área abrangida pelo circuito de câmeras, caso ele estivesse em funcionamento no dia crime.

### **5 de abril (sábado):**

O promotor Francisco Cembranelli afirma que a reconstituição da morte de Isabella será feita, mas diz que ainda não há data marcada. Alexandre Nardoni recebe a visita de três advogados no 77º Distrito Polícia, na região central de São Paulo. Um deles conversa por cerca de 40 minutos com Nardoni, mas não divulga o conteúdo da conversa.

A mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, recebe flores, presentes e visitas de solidariedade no dia do seu aniversário de 24 anos. Entre os visitantes está Massataka Ota (foto), pai do garoto Yves Ota (assassinado em 1997, aos 8 anos, após ter sido sequestrado).



**Figura 14: Massataka Ota visitou a mãe de Isabella no dia do seu aniversário**

### 6 de abril (domingo):

Oito dias após a morte da menina, o prédio da família vira atração para curiosos. Pichações feitas em muros próximos da residência (fotos abaixo) pedem justiça para o caso. Em entrevista ao *Fantástico*, o pai de Alexandre, Antônio Nardoni, diz que filho “não é marginal”. Já a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, diz que filha tinha amor “incondicional” pelo pai.

O promotor do caso, Francisco Cembranelli, diz que é contra ouvir o depoimento do filho de 3 anos de Alexandre e Anna Carolina Jatobá. O menino pode ter sido responsável por gritos de “para, pai” ouvidos na noite do crime.



Figura 15: Pichações em muros pedem por paz e justiça para o caso



**7 de abril (segunda-feira):**

A Justiça suspende sigilo no inquérito policial que investiga a morte da menina Isabella Nardoni. Pouco tempo depois, o delegado responsável pelas investigações, Calixto Calil Filho, ordena novamente o sigilo. A defesa do casal Nardoni entra com pedido de *habeas corpus* junto ao Tribunal de Justiça de São Paulo. Peritos da Polícia Civil concluem que Isabella foi espancada e asfixiada dentro do apartamento, antes de ser jogada pela janela do 6º andar.

**8 de abril (terça-feira):**

Imagens do circuito interno de um supermercado em Guarulhos, na Grande São Paulo, onde Isabella esteve com sua família horas antes de morrer, em 29 de março, são divulgadas (foto). O vídeo mostra Alexandre Nardoni usando roupas parecidas antes e depois da morte da menina. Informações que fazem parte do laudo do IML apontam que uma pequena palmeira amorteceu o impacto da queda de Isabella. Peritos do Instituto de Criminalística voltam ao apartamento, acompanhados dos advogados de defesa do casal.



**Figura 16: Imagens do circuito interno de um supermercado horas antes do crime**

**9 de abril (quarta-feira):**

A delegada assistente do 9º Distrito Policial, no Carandiru, Renata Pontes, diz que a polícia já apurou 70% do que aconteceu na noite em que Isabella Nardoni morreu. O avô paterno da menina, Antônio Nardoni, diz que "qualquer um" poderia



ter entrado no prédio e cometido o crime, uma vez que os portões do local ficavam completamente abertos.

#### **10 de abril (quinta-feira):**

A polícia diz ter um depoimento crucial sobre o caso Isabella, mas a identidade da pessoa é mantida em sigilo pelo delegado Calixto Calil Filho. O pedreiro Gabriel dos Santos Neto, que trabalha na construção de um sobrado nos fundos do edifício London, presta depoimento à Polícia Civil. Na saída da delegacia, ele nega que a construção tenha sido arrombada no dia do crime.

A Polícia pede a quebra do sigilo telefônico de Cristiane Nardoni, tia de Isabella e irmã de Alexandre. O pedido é feito por interesse na ligação realizada para a irmã de Alexandre pouco depois da morte da criança. Os advogados de defesa do casal pedem que Cristiane seja ouvida pela polícia.

#### **11 de abril (sexta-feira):**

Justiça de São Paulo concede *habeas corpus* a Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Há tumulto na saída do casal das delegacias e curiosos chegam a empunhar pedras. A delegada Elizabete Sato, da Seccional da Zona Norte, diz que libertação do casal não irá atrapalhar investigações, mas o promotor Francisco Cembranelli fala o contrário. Ele afirma ainda que há indícios que ligam o casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá aos ferimentos encontrados no corpo da menina de 5 anos.



**Figura 17: Multidão protestou contra a soltura do casal**

**12 de abril (sábado):**

No primeiro dia longe da detenção, o casal permaneceu na casa do pai de Alexandre, Antônio Nardoni. No 9º Distrito Policial, onde estão concentradas as investigações, foram ouvidos vizinhos da família. O delegado Aldo Galeano, diretor do Departamento de Polícia Judiciária da Capital (Decap), disse que se forem concluídas as atuais linhas de investigação será pedida a prisão preventiva do casal.

**13 de abril (domingo):**

O casal reencontra os dois filhos. No 9º Distrito Policial, vizinhos são ouvidos pela delegada-assistente. O desembargador Caio Canguçu de Almeida, na primeira entrevista após a decisão, justificou a libertação com a afirmação de que Alexandre Nardoni e Anna Carolina não atrapalharam a investigação. O pai de Alexandre diz que o filho não discutiu ou brigou com a mulher no dia do crime. Por sua vez, Cristiane Nardoni diz que o irmão jamais machucaria Isabella.

**14 de abril (segunda-feira):**

O *Jornal Nacional* tem acesso aos depoimentos de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá feitos à polícia um dia após a morte da menina Isabella, de 5 anos. Os advogados de defesa do casal levam à polícia blusas que Anna Carolina Jatobá e Isabella usaram no dia do crime. A polícia afirma que está analisando se vai ouvir 22 pessoas indicadas como testemunhas pela defesa do casal. O pai de Alexandre, Antônio Nardoni, diz que a família está vivendo em prisão domiciliar.

**15 de abril (terça-feira):**

Os exames feitos pelos peritos para esclarecer a morte de Isabella são praticamente concluídos. Os peritos analisam sobre o que provocou a morte para fazer a conclusão do laudo. Os delegados responsáveis sobre o inquérito discutem os relatórios das investigações. O diretor do IC diz que a lavagem da blusa da madrastra atrapalha as investigações.

Um casal que mora em um prédio vizinho ao edifício onde ocorreu o assassinato da menina Isabella Nardoni contou, com exclusividade, ao *Jornal Nacional*, ter ouvido uma violenta briga na noite do crime. Um novo pedido de



*habeas corpus* é protocolado, mas os advogados de defesa afirmam que ele não faz parte da estratégia da defesa.

#### **16 de abril (quarta-feira):**

Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá são intimados pela polícia para depor na sexta-feira (18), quando Isabella completaria 6 anos (foto). Antônio Nardoni (foto), avô da menina, e Cristiane, irmã de Alexandre, também são intimados, só que para depor no sábado (19). Exame feito, comparando o DNA de Isabella com o das manchas encontradas no cenário do crime, confirma que sangue em apartamento é mesmo da menina.

Responsáveis pela investigação decidem que a reconstituição do crime será o último ato antes do inquérito ser entregue à Justiça. Mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, diz que acredita que Alexandre e Anna Carolina Jatobá possam estar, de alguma forma, diretamente envolvidos na morte da pequena Isabella.



**Figura 18: Antônio e Cristiane, pai e irmã de Alexandre Nardoni**



**Figura 19: Populares visitam o túmulo de Isabella no dia em que ela completaria 6 anos**

#### **17 de abril (quinta-feira):**

Laudo do Instituto de Criminalística, ao qual a TV Globo teve acesso, diz que a menina sofreu um processo de esganadura durante três minutos dentro do apartamento, o que ocasionou uma parada respiratória. Depois, Isabella foi jogada. A queda ocasionou um politraumatismo, com lesões nos órgãos internos. Segundo a polícia, não havia mesmo uma terceira pessoa no apartamento naquela noite de sábado, 29 de março. A perícia também constatou que a pegada no lençol era do chinelo de Alexandre Nardoni. A mãe dele, Maria Aparecida Alves Nardoni, prestou depoimento. A mãe da menina rezou pela filha em uma missa especial celebrada pelo padre Marcelo Rossi no Santuário do Terço Bizantino, em Interlagos, na Zona Sul de São Paulo.



Figura 20: Perícia constata que pegada no lençol é do calçado de Alexandre



Figura 21: Em missa, mãe de Isabella é consolada por familiares

#### 18 de abril (sexta-feira):

No dia em que Isabella completaria 6 anos, Alexandre foi interrogado pela polícia por cerca de oito horas e a mãe da menina visitou o túmulo da filha. Homenagens à garota ocorreram na antiga escola onde estudou e também na frente da Delegacia, onde populares levaram bolos e balões e cantaram "Parabéns". Quando a madrasta de Isabella começava a prestar depoimento, logo após o marido, uma série de laudos obtidos com exclusividade pela TV Globo era divulgada pelo *Jornal Nacional*.

Os documentos apontavam que havia marcas de sangue no carro do casal e que pegadas na cama do quarto de onde a menina foi jogada eram do pai dela,

Alexandre Nardoni. Os laudos apontavam ainda que as marcas no pescoço da garota eram compatíveis com as das mãos da madrasta, Anna Carolina Jatobá.



**Figura 22: As marcas da esganadura são compatíveis com as mãos de Jatobá**

#### **19 de abril (sábado):**

A TV Globo tem acesso a detalhes dos laudos do caso Isabella que permitem à polícia estabelecer a sequência de fatos da noite do crime. Os documentos mostram que a menina possuía vários hematomas na parte interna da boca (foto), um indício de que ela teve a boca tampada para que não gritasse. Durante interrogatórios na sexta-feira (18), Alexandre e Anna Carolina entraram em contradição, principalmente sobre horários na noite da morte de Isabella. A madrasta diz desconhecer manchas de sangue da menina encontradas pela perícia no carro do casal. Advogado de defesa diz que laudos ainda não são provas do caso.



Figura 23: Imagem reproduzida pelo Jornal Nacional

**20 de abril (domingo):**

Em entrevista exclusiva para o *Fantástico*, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá dizem ser inocentes e revelam detalhes da convivência com a menina. Anna Carolina negou ter batido em Isabella. Os dois, porém, não entraram em detalhes sobre os laudos da perícia, que revelam, entre outros detalhes, que as marcas encontradas no pescoço da garota são compatíveis com as mãos de Anna Carolina.



Figura 24: Entrevista exclusiva do casal ao Fantástico

**21 de abril (segunda-feira):**

Novamente a TV Globo tem acesso ao laudo do Instituto Médico Legal. O documento, que ainda não foi divulgado oficialmente, mostra que a menina teria morrido mesmo se não tivesse sido jogada pela janela. O laudo também mostra que Isabella foi jogada 12 minutos após a chegada da família ao apartamento. Os advogados de defesa do casal dizem que irão entrar com uma representação junto à Corregedoria da Polícia Civil de São Paulo. Segundo eles, existem irregularidades no inquérito feito sobre o caso. A defesa alega ainda que o interrogatório do pai e da madrasta de Isabella, na sexta-feira (18), foi feito baseado em laudos que ainda não foram entregues.

**22 de abril (terça-feira):**

A polícia adia os depoimentos do avô e da tia de Isabella, Antônio e Cristiane Nardoni. Também é adiada a coletiva para falar como foi feita a elaboração dos laudos do caso. Em entrevista, o diretor do Departamento de Polícia Judiciária da Capital (Decap), Aldo Galiano, disse que o adiamento da coletiva ocorreu porque ainda faltam quatro depoimentos “imprescindíveis” para a conclusão do inquérito. A defesa do casal diz que vai entrar com representação junto à Corregedoria da Polícia Civil de São Paulo, mesmo após os laudos terem sido anexados ao inquérito.

**23 de abril (quarta-feira):**

As quatro testemunhas “imprescindíveis” para a conclusão do inquérito depõem. Duas delas, um casal que não teve a identidade divulgada, foram convocadas pela defesa de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Eles seriam vizinhos do casal no Edifício London. Os outros dois depoimentos foram prestados pelo avô e pela tia da menina, Antônio e Cristiane Nardoni.

A polícia anuncia que a reconstituição do crime será feita a partir das 10h do domingo (27). Por causa da atividade, prevista para durar cerca de 10 horas, deverá ser fechado o espaço aéreo da região num raio de 3 km.





**Figura 25: Vista aérea do edifício London durante a reconstituição do crime**

#### **24 de abril (quinta-feira):**

Moradores do prédio que fica em frente ao Edifício London são proibidos de autorizar a entrada de jornalistas em seus apartamentos. Pela manhã, policiais visitam o prédio para acertar detalhes do esquema de segurança para a reconstituição do crime. O promotor que acompanha o caso, Francisco Cembranelli, afirma que os peritos identificaram tentativas de remover os vestígios do assassinato da menina.

De acordo com ele, manchas de sangue no apartamento e no carro de Alexandre Nardoni foram lavadas. Para ele, houve “manipulação” da cena do crime. A Aeronáutica informa que o espaço aéreo não seria fechado para a reconstituição da morte de Isabella, pois o pedido da Polícia Civil não se enquadraria em nenhuma das 28 normas previstas para o procedimento.

#### **25 de abril (sexta-feira):**

Policiais civis começam a cadastrar moradores para a reconstituição da morte de Isabella, prevista para domingo (27). Só quem morava na rua ou no prédio onde aconteceu o crime poderia circular pelo local. A polícia também fotografou as casas vizinhas. A Polícia Civil pede à Justiça o bloqueio do espaço aéreo no entorno do edifício para a reconstituição do crime. Os policiais alegaram que o barulho das aeronaves poderia atrapalhar o trabalho da perícia. Reportagem do ***Jornal Nacional***

informou detalhes do interrogatório do casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá (no dia 18). Em sete horas e meia, policiais tentaram surpreender Nardoni com novos detalhes da perícia, mas ele negou qualquer participação no crime. Anna Carolina também alegou ser inocente, negou ter batido na menina e também que tenha lavado roupas para esconder possíveis manchas de sangue.

#### **26 de abril (sábado):**

Polícia afirma que irá cumprir o prazo de 30 dias para concluir a investigação do caso, e entregará o inquérito à Justiça na semana seguinte. Junto com o inquérito, a polícia informa que deve entregar ao Ministério Público o pedido de prisão preventiva do pai e da madrasta da menina. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva diz que está preocupado com o que considera uma exposição exagerada da morte de Isabella Nardoni. “Eu fico preocupado quando a pirotecnia toma conta da investigação”.

#### **27 de abril (domingo):**

Peritos realizam a reconstituição do crime. O trabalho no Edifício London começa por volta das 9h40min e vai até às 17h15min. Técnicos simulam por duas vezes a queda da menina. Uma boneca com peso e tamanho de Isabella é lançada pelo buraco da tela de proteção, mas não despenca: fica pendurada por cordas. A reportagem do ***Fantástico*** tem acesso a fotos de objetos que foram recolhidos do apartamento da família. Entre os objetos encaminhados ao Núcleo de Física do IC está a rede de proteção da janela por onde a menina foi jogada.



**Figura 26: Peritos examinam a tela de proteção**





**Figura 27: Agentes do Grupo de Operações Especiais (GOE) garantiram a segurança do local**

#### **28 de abril (segunda-feira):**

Os delegados que investigam o caso Isabella passam o dia fechando o inquérito para entregá-lo à Justiça. São seis volumes, mais de 1.000 páginas. A defesa do casal Nardoni diz que pode questionar o inquérito. “Tudo o que foi produzido na fase do inquérito, como os laudos periciais e os depoimentos, pode ser submetido ao crivo do contraditório, em que a defesa pode, através de uma postura técnica, questionar o que foi feito”, afirma o advogado Rogério Neres de Sousa. Após a reconstituição, peritos concluem que Isabella morreu 11 minutos após chegar ao prédio do pai.

#### **29 de abril (terça-feira):**

Família celebra missa para lembrar um mês da morte de Isabella. O promotor Francisco Cembranelli informa que o inquérito sobre o assassinato da menina Isabella só será entregue pela polícia na manhã de quarta-feira (30), porque o relatório final ainda não foi concluído. Além do relatório e das provas, será anexada ao inquérito uma representação da polícia que pede que sejam acolhidos os argumentos para a prisão preventiva do casal. Reportagem do **Jornal Nacional** mostra que parte da perícia foi usada incorretamente pela polícia durante interrogatório do casal.

**30 de abril (quarta-feira):**

A mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, participa de missa em memória da filha assassinada um mês atrás. Pela manhã, investigadores protocolam no Fórum de Santana, na Zona Norte, o inquérito e o relatório final com as conclusões da Polícia Civil sobre o fato. O promotor Francisco Cembranelli informa que, junto com o documento, os policiais pedem a prisão preventiva do casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, pai e madrasta da menina. Ele disse que analisaria o inquérito durante o feriado de 1º maio e só depois disso decidirá sobre uma possível denúncia do casal à Justiça.

Os advogados de defesa de Alexandre e Anna Carolina dão entrevista coletiva em que criticam o trabalho da polícia, afirmando que ela só teve uma linha de investigação desde o início (que incriminaria o casal). Também afirmam que vão realizar uma perícia paralela no apartamento de onde a menina foi jogada. O objetivo seria “aclarar” algumas situações.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 5.1 PESQUISA QUALITATIVA

A fim de fundamentarmos o nosso estudo, elegemos alguns teóricos e também os procedimentos metodológicos que nortearão esta pesquisa. Assim, trabalharemos com a Pesquisa Qualitativa, já que o âmbito de estudo não se deterá à quantificação dos resultados, mas nos significados que foram emitidos pelas reportagens da Rede Globo para noticiar o caso Isabella Nardoni, especificamente nos programas ***Fantástico*** e ***Jornal Nacional***.

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação [...] (TEIXEIRA, 2005, p. 137).

Minayo (2003) diz que a pesquisa qualitativa é uma atividade da ciência que busca a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores e significados das relações. A autora relata que a “pesquisa qualitativa dá lugar à intuição, à exploração e ao subjetivismo”. A sua abordagem está ligada ao campo do significado das ações e das relações humanas, “um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (Minayo, 2003, p. 22).

## 5.1.1 Análise de Discurso

Para realizar este trabalho, utilizaremos como método de pesquisa a Análise de Discurso, que dará suporte à dissertação e norteará o estudo. Segundo Foucault (1998), a Análise de Discurso é uma prática comum na aplicação dos campos da Linguística e da Comunicação, assim possui a capacidade de analisar as construções ideológicas presentes em um texto.

Como o objetivo desse tipo de método é analisar o discurso propriamente dito, verificaremos como as reportagens reproduzidas pela Rede Globo foram construídas, a partir da linguagem empregada nas matérias.

É a linguagem que condiciona o homem, sua forma de agir e de se relacionar com o mundo e com os outros homens – com a cultura, enfim, aqui entendida em seu sentido mais amplo, como o ambiente construído pelos homens e que constrói os homens segundo seus próprios códigos, linguagens que agem sobre os corpos e delimitam o seu campo de percepção [...] (ARBEX JR., 2002, p. 85).

Segundo Michel Foucault (1998), o discurso é a prática social de produção de textos. Isto significa que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção. Significa ainda que o discurso reflete uma visão vinculada ao seu ator e a sociedade em que ele está inserido.

Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência (FOUCAULT, 2005, p. 171).

Para o autor (1998), o discurso é uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Além disso, a Análise de

Discurso é essencialmente semântica, pois busca o entendimento da linguagem e das palavras. Nesse sentido, o método escolhido para nortear este trabalho compreende na interpretação e reflexão das construções ideológicas de um texto, implicando na abordagem da análise discursiva, cuja construção serve como basilar para construção científica.

Imperioso ressaltar inicialmente que, conforme Patrick Charaudeau (2008), a linguagem é própria do homem e permite a ele o pensamento e a ação, uma vez que não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É a linguagem que permite ao homem viver em sociedade, caso contrário o indivíduo não saberia estabelecer vínculos psicológicos e sociais com o seu semelhante. A linguagem é um poder, talvez o primeiro adquirido pelo homem.

A Análise de Discurso necessariamente implica em uma ciência social. Dessa forma, corroborando com Charaudeau (2008), Demo (2009) entende que o maior problema da ciência não é o método, mas a realidade. Assim, surge a questão: o que consideramos real? Alguns julgam que a realidade social é algo já existente, totalmente externo e estruturado. Outros a concebem como algo a construir, pois seria criativamente histórica. Ainda há teóricos que acreditam na interface entre as duas posturas: em parte a realidade social está pronta, em outra está para ser construída.

De acordo com Orlandi (2007), pelo entendimento que a própria gramática pode significar várias palavras diferentes é que se passou a estudar a linguagem por uma forma particular, que posteriormente deu origem à Análise de Discurso. Diante disso, a AD como ciência trata-se de:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise de discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem (ORLANDI, 2007, p. 9).

Orlandi (2007) acrescenta ainda que, através desse tipo de estudo, é possível conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de exprimir os significados. Desta maneira, a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

Essa mediação, que é o discurso, torna possível a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. Segundo o autor, a Análise de Discurso produz conhecimento através do próprio texto, pois o vê com materialidade simbólica própria, significativa e com espessura semântica.

Já Marlene Teixeira (2005) explica que na Linguística existem várias teorizações para a Análise de Discurso. Uma delas, da linha francesa, tem como seu idealizador Michel Pêcheux, que, desde 1969, ofereceu contribuições para esta área de entendimento. Nesta visão, o ato de analisar o discurso propriamente dito nasceu sob a crença de uma possibilidade de intervenção política, já que se fundamenta numa arma científica que é a linguagem. Esta prática como ciência teve início na década de 60, pois se tratava de um período essencialmente marcado pelo aparecimento de um novo dispositivo filosófico, que assinalava o fim do predomínio do existencialismo na cena francesa.

[...] Esse dispositivo, caracterizado por uma grande heterogeneidade epistemológica e política, ancora-se na “Tríplice Aliança”: Marx, Freud e Saussure. Trata-se do estruturalismo, que, nessa época, triunfa. A linguística figura como ciência-piloto, a releitura de Saussure funcionando como uma espécie de “motor” para o movimento. O marxismo althusseriano agita a ortodoxia, renova a reflexão sobre a instância ideológica e “autoriza” uma abertura para a psicanálise. Surge a antropologia estrutural; os trabalhos de Bachelard e Canguilhem repensam a epistemologia. Estão dadas as condições ideais para desenvolvimento de um pensamento “transversal”, como é o que caracteriza a AD (TEIXEIRA, 2005, p. 25).

A fim de resgatar as origens teóricas da Análise de Discurso, Teixeira (2005) diz que os referenciais teóricos e filosóficos basilares deram origem à Análise de Discurso não como referencial para estudo de conteúdo textual, mas como ciência para o estudo dos significados da Linguística, o marxismo e a psicanálise.

A Linguística necessariamente constituiu-se pela afirmação da não-transparência da linguagem, onde possui seu objeto próprio, ou seja, a língua, que também possui sua ordem própria. A AD procura mostrar que a relação entre linguagem, pensamento e mundo não são unívocos e que cada um, em seu tempo, possui a sua especificidade (Orlandi, 2007). Assim, para o autor (2007. p. 19), “a Análise de Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história, mas esta não lhe é transparente”.

Assim, o referido autor conclui que somente após conjugadas a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai se chamar a forma material que encarnada na história para produzir sentidos. Para Orlandi (2007), a Análise de Discurso é, portanto, linguístico-histórico.

Teixeira (2005) explica que é a problemática do sentido que efetivamente ocupa a Análise de Discurso. Para a autora, desde os primeiros estudos sobre a área, introduzidos por Michel Pêcheux, formula-se o encontro da língua, sujeito e história, figurando o chamado materialismo histórico, seguido da linguística e da teoria do discurso.

A Análise de Discurso e o estudo da Linguística não se fazem por um conjunto de sínteses e obras acabadas, mas por uma série de interrogações decorrentes de uma reflexão que se faz no diálogo com outras disciplinas, o que permite concluir que a Análise de Discurso respeita uma contínua evolução teórica (Teixeira, 2005).

Frisa-se também que nos estudos discursivos não se separam forma e conteúdo, mas procura-se entender a língua não somente como uma estrutura, e sim como um acontecimento. Conforme Orlandi (2007), quando estão reunidos

acontecimento e estrutura, a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história.

Além disso, o autor destaca três aspectos:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise de linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2007, p. 19 e 20).

Segundo Charaudeau (2008), o problema da comunicação não está situado no nível daquilo que foi dito explicitamente. A finalidade do ato de linguagem não deve ser buscada em sua configuração verbal, e sim, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Para ele, o ato de linguagem deve ser observado como um todo, dada circunstância ao que o texto analisado está inserido, onde esse ato possui dupla dimensão e valor: explícito e implícito.

Da mesma forma, Orlandi (2007) entende que a proposta intelectual em que se situa a Análise de Discurso é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso, onde tem como fundamental a questão do sentido e se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e as Ciências sociais.

Cada material de análise exige que o analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais (ORLANDI, 2007, p. 27).



## 5.2 ESTUDOS DE CASO: JORNAL NACIONAL E FANTÁSTICO

### 5.2.1 Jornal Nacional

A data de 18 de setembro de 1950 foi o marco da história da televisão brasileira. A extinta TV Tupi, fundada por Assis Chateaubriand, fazia sua primeira transmissão ao vivo, utilizando apenas uma câmera e muitos improvisos. Como não havia aparelhos em nenhum lugar do país, Chateaubriand espalhou 200 televisores em lugares "estratégicos" de São Paulo<sup>13</sup>.

Anos depois, em 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, com propriedade da família Marinho, entraria no ar a Rede Globo, a maior emissora brasileira. A concessão do canal foi dada por meio do Decreto n.º 42.946, de 30 de dezembro de 1957, outorgado pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

Após 45 anos de fundação, a Rede Globo cobre praticamente todo o território nacional e alcança 99,5% da população<sup>14</sup>. Já o ***Jornal Nacional***, mais importante noticiário brasileiro, é o carro-chefe do jornalismo global, e está no ar há mais de quatro décadas (a estreia foi em 1º de setembro de 1969, sob a direção do jornalista Armando Nogueira).

O editor-chefe do JN, William Bonner, lançou em 2009 o livro *Jornal Nacional - Modo de Fazer*, trazendo detalhes sobre a preparação do telejornal, que é exibido de segunda a sábado, às 20h15min.

*Jornal Nacional - Modo de Fazer* não é como a receita tradicional, imutável, de um bolo. Para chegar aos 40 anos com a importância que tem, o JN mudou sua receita muitas e muitas vezes, ao sabor das novas tecnologias,

---

<sup>13</sup> Informações disponíveis na Wikipédia. Acesso em 11 de novembro de 2010.

<sup>14</sup> Dados disponíveis no site <http://memoriaglobo.globo.com>. Acesso em 11 de novembro de 2010.

do amadurecimento da nossa democracia, do crescimento do Brasil. Mas é com orgulho que os profissionais do JN em 2009 notam, no atual “modo de fazer”, a manutenção do respeito ao compromisso original de mostrar as principais notícias do Brasil e do mundo com clareza, isenção, pluralidade e correção (BONNER, 2009, p. 9).

O primeiro diferencial estabelecido pelo *JN* como gênero jornalístico foi em relação às notícias de relevância nacional (o que determinou equipes e emissoras afiliadas espalhadas por todo o país), como também a cobertura de fatos internacionais, mas de interesse dos brasileiros.

Com as mudanças na política, essencialmente a partir da instituição da democracia, a imprensa adquiriu liberdade para noticiar os fatos e também mais independência. Em busca de credibilidade, em 1996, os apresentadores foram substituídos por jornalistas, que também seriam os editores do *JN*. William Bonner e Lilian Witte Fibe assumiram esta missão. Dois anos depois, Fátima Bernardes apresentaria o jornal ao lado de Bonner, onde permanecem até hoje.

Com a ideia de levar ao telespectador as principais notícias do Brasil e do mundo, o ***Jornal Nacional*** tornou-se pioneiro no estilo de fazer jornalismo, e praticamente desde a sua criação é líder de audiência. Segundo Bresser (1996, p. 36), a popularidade do telejornal alcança 60% da audiência em relação aos demais noticiários.

Pela sua história, importância, características editoriais e audiência definimos o ***Jornal Nacional*** como um dos objetos da nossa pesquisa. Analisaremos, portanto, duas reportagens do *JN*: uma veiculada no dia **21 de abril de 2008** e outra exibida em **1º de maio do mesmo ano**. Ambas foram ao ar com exclusividade pelo telejornal. Um dos critérios que determinaram para a escolha dos vídeos para esta análise foi justamente esse: a exclusividade da emissora ao noticiar os fatos.

## 5.2.2 Fantástico

O programa ***Fantástico***, outro objeto de estudo desta pesquisa, foi criado pela TV Globo em 5 de agosto de 1973. Com o formato de uma revista eletrônica, vai ao ar aos domingos, após o *Domingão do Faustão*, e tem entre 1 hora e 35 a 1 hora e 50 minutos de duração. Desde sua criação, o ***Fantástico*** é uma mistura de notícias, musicais, humor, teatro e variedades.

No início<sup>15</sup>, o programa era apresentado por Cid Moreira e Sérgio Capelin, juntamente com artistas da emissora. Portanto, não havia apresentadores fixos, o que só ocorreu anos depois. Atualmente, Zeca Camargo e Patrícia Poeta estão no comando do ***Fantástico***, contando ainda com as participações de Renata Ceribelli e Tadeu Schmidt.

O canal Globo News apresenta reprises do ***Fantástico*** e grande parte do conteúdo do programa também é disponibilizado pelo site. Por não ser considerado um telejornal, diferentemente do *JN*, é que definimos a sua escolha para este trabalho.

Em 1973, estreava na TV Globo um programa completamente diferente de tudo o que existia na televisão brasileira na época: uma revista eletrônica de variedades, com duas horas de duração, que reunia jornalismo e entretenimento para levar até o telespectador o que de mais espetacular estivesse acontecendo no Brasil e no mundo. O programa tinha um nome à altura de suas pretensões: *Fantástico, o Show da Vida*.

Ao longo dos anos, graças às contribuições de centenas de profissionais de diversas áreas, esse conceito original se desenvolveu notavelmente. O *Fantástico* se tornou um painel dinâmico e multifacetado de quase tudo o que é produzido numa emissora de televisão – jornalismo, prestação de serviços, humor, dramaturgia, documentários exclusivos, música, reportagens investigativas, denúncia, ciência –, além de um espaço para a experimentação de novas ideias e formatos<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Informações disponíveis na Wikipédia. Acesso em 11 de novembro de 2010.

<sup>16</sup> Informações disponíveis no site da Rede Globo, através do endereço eletrônico <http://memoriaglobo.globo.com>

Como a linha editorial do ***Fantástico*** é completamente diferenciada do ***Jornal Nacional***, achamos pertinente contrapor essas diferenças e escolhemos uma reportagem para analisar. Portanto, o vídeo escolhido foi exibido em **20 de julho de 2008**, o qual apresentou a reconstituição do assassinato de Isabella Nardoni. Assim como descrito anteriormente, o critério de seleção da reportagem está relacionado com a exclusividade.

### 5.3 AS ANÁLISES

Para desenvolvermos a análise dos objetos propostos, faremos a transcrição das reportagens a fim de buscarmos práticas do discurso sensacionalista. Os vídeos utilizados neste trabalho estarão disponíveis no fim da pesquisa, em formato de CD-ROM.

#### 5.3.1 Reportagem do Jornal Nacional: 21 de abril de 2008

Na primeira reportagem em análise, veiculada em **21 de abril de 2008**, a TV Globo teve acesso ao laudo do Instituto Médico Legal (IML), documento que na época ainda não havia sido divulgado oficialmente, pois o inquérito do caso ainda não estava concluído. Com 6 minutos e 11 segundos de duração, a matéria relata as causas da morte de Isabella, segundo o trabalho dos médicos legistas que examinaram o corpo da menina.

A reportagem traz riqueza de detalhes, como informações técnicas e imagens com animação gráfica, o que permite (segundo a versão da polícia) a reconstituição visual do crime. Mostra ainda dezenas de ferimentos, fraturas e a violência “em mais um ato de brutalidade” (conforme a narrativa do repórter César Tralli) sofrida por Isabella.

Em outro momento, a reportagem evidencia a mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, em uma missa celebrada pelo padre Marcelo Rossi. Na ocasião, ela é procurada e cumprimentada por estranhos, onde também posa para fotos, semelhante a uma celebridade. Tais fatos demonstram a popularidade que o caso já havia alcançado perante a opinião pública.



**Figura 28: A mãe de Isabela, Ana Carolina (à esquerda), no palco com o Pe. Marcelo Rossi**

Abaixo, a transcrição completa da matéria, e, posteriormente, a aplicação do método para realização da análise.

**Reportagem exibida pelo *Jornal Nacional* em 21 de abril de 2008.**

**Duração do VT: 6'11''**

**CABEÇA/SANDRA ANNEBERG:**

O *Jornal Nacional* teve acesso ao conteúdo do laudo completo do Instituto Médico Legal de São Paulo sobre o caso Isabella Nardoni. O documento entregue à polícia e à promotoria traz conclusões importantes sobre a causa da morte da

menina e sobre os momentos que antecederam o assassinato. A reportagem exclusiva é de César Tralli.

#### **OFF/REPÓRTER CÉSAR TRALLI:**

Não foi um caso fácil. Os três médicos legistas, que examinaram o corpo de Isabella, adiaram em uma semana a entrega do laudo. Eles estudaram, consultaram outros especialistas e finalmente chegaram ao consenso: a causa da morte de Isabella foi asfixia seguida de politraumatismo. Os legistas concluíram que mesmo antes de ser jogada, Isabella estava condenada à morte pela esganadura que tinha sofrido.

#### **PASSAGEM/REPÓRTER:**

Pelo relato dos legistas é possível concluir que Isabella foi esganada dentro do apartamento. O principal indício é o fato de que a menina ainda estava viva quando bateu no gramado. Isso indica que a asfixia aconteceu minutos antes. De acordo com os legistas, se o intervalo entre a esganadura e a queda fosse maior, a menina já teria chegado morta ao solo.

#### **OFF/REPÓRTER:**

Todo o processo de asfixia, de acordo com os legistas, durou em torno de 7 minutos. O agressor apertou o pescoço de Isabella por cerca de 3 minutos. Com dificuldade para respirar, ela desmaiou. A criança poderia ter se recuperado com respiração boca a boca e massagem cardíaca. Como isso não aconteceu, ela piorou. Sem oxigênio, a pressão e os batimentos cardíacos caíram vertiginosamente. Nesse momento, Isabella teve possivelmente uma convulsão (havia secreções no nariz e nos pulmões da garota).

Quando foi esganada, Isabella estava mais baixa do que o agressor. É o que demonstram as marcas das mãos deixadas no pescoço dela. A menina tinha um corte acima do olho esquerdo, de meio centímetro de comprimento por 4 milímetros

de profundidade, e foi provocado por uma chave ou pela ponta de um anel, por exemplo.

Há indícios que reforçam a convicção de que Isabella foi asfixiada na sala. A quantidade de sangue encontrada perto do sofá demonstra que a menina ficou parada ali, e o rastro de gotas de sangue, mais intenso na entrada, diminui no caminho para o quarto, o que indica que a menina já estava desmaiada quando foi levada na direção da janela.

Outras conclusões dos legistas: a coagulação do sangue no ferimento que Isabella tinha na testa demonstra que ela foi machucada pelo menos 10 minutos antes de ser jogada. Essa informação coincide com o laudo da perícia, que encontrou sangue de Isabella no carro da família, o que indica que a menina foi ferida antes de subir para o apartamento.

A quantidade de sangue, na entrada do apartamento, demonstra que ela chegou ferida, mas consciente. A menina tinha ferimentos internos na boca e um corte na língua, provocados pela pressão dos lábios contra os dentes. Possivelmente uma tentativa de calar a criança.

O impacto do corpo contra o solo, de uma altura de 20 metros, a uma velocidade de 78 km por hora, provocou hemorragia interna e fratura no pulso. Os médicos não conseguiram descobrir se a fratura na bacia foi consequência da queda. Existe a possibilidade de que antes de ser atirada pela janela, Isabella tenha sido jogada violentamente contra o chão, em mais um ato de brutalidade.

#### **PÉ/HERALDO PEREIRA:**

Um dia depois da entrevista exclusiva do pai e da madrasta da menina Isabella, exibida ontem no *Fantástico*, a defesa do casal anunciou que vai entrar com uma representação contra o que considera procedimentos equivocados nas investigações policiais.

A mãe de Isabella passou a tarde com a família numa missa pela paz, em São Paulo.

#### **OFF/REPÓRTER JOSÉ ROBERTO BURNIER:**

Abraços de desconhecidos, pedidos de pose para fotos. A conversa carinhosa com uma menina da idade da filha que Ana Carolina Oliveira perdeu. Cantando, ela acompanha a missa ao lado da família. É confortada pelos pais, recebe apoio e é levada ao palco pelo padre.

A família manteve o silêncio sobre a entrevista exclusiva concedida ontem pelo pai e pela madrasta da menina ao ***Fantástico***, em que o casal negou a autoria do crime.

#### **PASSAGEM/REPÓRTER:**

Os advogados de defesa se reuniram hoje com o pai de Alexandre, Antonio Nardoni, que também é advogado. Eles decidiram que amanhã vão entrar com uma representação na Corregedoria da Polícia Civil de São Paulo contra o que eles chamam de procedimentos equivocados, que segundo a defesa do casal, estariam sendo adotados pelos delegados na condução das investigações.

#### **OFF/REPÓRTER:**

Os advogados alegam que a polícia usa informações de laudos que ainda não estão no inquérito. Não há consenso entre os peritos sobre a existência ou não de sangue no carro. A polícia pressionou uma testemunha a negar informações sobre um arrombamento numa casa nos fundos do prédio do casal. A polícia considerou o depoimento de testemunhas que disseram ter visto Cristiane, a irmã de Alexandre, num bar quando ela estava em outro.



**SONORA: MARCO POLO LEVORIN (ADVOGADO DE DEFESA):**

Nós entendemos que a investigação não deve ficar centrada como está na figura nos dois. E pior, esses desencontros, testemunhas sem rosto, afirmando algo que é absolutamente contraditado por outras testemunhas. Quer dizer, tudo isso precisa ser devidamente esclarecido.

**OFF/REPÓRTER:**

O promotor que acompanha o caso diz que a reclamação não passa de estratégia da defesa.

**SONORA/FRANCISCO CEMBRANELLI (PROMOTOR)**

A investigação foi aberta. É bastante transparente, pessoas indicadas pela defesa foram ouvidas, não houve nenhum desprezo pela versão trazida pelos, no início suspeitos, hoje indiciados. E, me parece que a qualidade da investigação ela está absolutamente evidente e esperarei que a defesa se manifeste formalmente para estabelecer uma posição.

Logo no início da matéria, o repórter César Tralli inicia dizendo que **“não foi um caso fácil. Os três médicos legistas, que examinaram o corpo de Isabella, adiaram em uma semana a entrega do laudo. Eles estudaram, consultaram outros especialistas e finalmente chegaram ao consenso: a causa da morte de Isabella foi asfixia seguida de politraumatismo”**. Abrindo a matéria, o repórter explica que houve necessidade de muito estudo e do parecer de vários especialistas para examinar o caso, portanto, o telespectador pode compreender que não há dúvidas sobre a notícia que está sendo transmitida. Além disso, o laudo é assinado por médicos legistas, outro fator que causa credibilidade aos fatos relatados.

E prossegue: **“Os legistas concluíram que mesmo antes de ser jogada, Isabella estava condenada à morte pela esganadura que tinha sofrido”**. A expressão **“condenada à morte”** causa impacto e comoção, pois revela a

brutalidade dos atos praticados contra a menina, e também corrobora com a sentença anterior, de que não há incertezas sobre o laudo, já que houve um **“consenso”** entre especialistas.

Durante a passagem do repórter, também é ratificada a ideia de que Isabella foi morta dentro do apartamento e caiu do 6º andar ainda com vida. **“O principal indício é o fato de que a menina ainda estava viva quando bateu no gramado. Isso indica que a asfixia aconteceu minutos antes. De acordo com os legistas, se o intervalo entre a esganadura e a queda fosse maior, a menina já teria chegado morta ao solo”**. Essa sentença confirma, mais uma vez, que Isabella **“estava condenada à morte”**, expressão que ratifica a versão policial de que a menina foi torturada e atirada pela janela, não restando margem para outros questionamentos a respeito do crime.

Seguindo o off do repórter, a matéria explica detalhadamente o que teria ocorrido naquela noite de 29 de março de 2008. **“Todo o processo de asfixia, de acordo com os legistas, durou em torno de 7 minutos. O agressor apertou o pescoço de Isabella por cerca de 3 minutos. Com dificuldade para respirar, ela desmaiou. A criança poderia ter se recuperado com respiração boca a boca e massagem cardíaca. Como isso não aconteceu, ela piorou”**. Este relato permite que o telespectador acompanhe todo o desenrolar da história, com riqueza de detalhes violentos e brutais. É o exagero característico do jornalismo sensacionalista. Outro aspecto relevante e que chama a nossa atenção é os verbos na voz ativa<sup>17</sup> como **“o processo de asfixia durou em torno de 7 minutos”**, **“o agressor apertou o pescoço de Isabella”**. Esta narrativa demonstra, também, que o sujeito praticou os atos daquela forma e que não há contradições. Mesmo que inconscientemente, na mente humana os fatos já foram assimilados como verdadeiros. Devemos ressaltar que na exibição dessa matéria estava ocorrendo apenas a fase inquisitória, portanto não existia denúncia, tampouco indiciados.

---

<sup>17</sup> Voz ativa é como se denomina a flexão verbal que indica que o sujeito pratica ou participa da ação denotada pelo verbo. Assim, dá destaque a quem pratica a ação, ou seja, o seu agente.

No decorrer da matéria, o repórter segue relatando as agressões sofridas por Isabella. **“A quantidade de sangue, na entrada do apartamento, demonstra que ela chegou ferida, mas consciente. A menina tinha ferimentos internos na boca e um corte na língua, provocados pela pressão dos lábios contra os dentes. Possivelmente uma tentativa de calar a criança”**. Este trecho demonstra, mais uma vez, o sadismo presente na narrativa. É a espetacularização da desgraça, da morte, do drama, como afirmam os teóricos que estudam o sensacionalismo nas notícias.

E para finalizar o off de César Tralli, mais relatos da violência cometida contra Isabella: **“O impacto do corpo contra o solo, de uma altura de 20 metros, a uma velocidade de 78 km por hora, provocou hemorragia interna e fratura no pulso. Os médicos não conseguiram descobrir se a fratura na bacia foi consequência da queda. Existe a possibilidade de que antes de ser atirada pela janela, Isabella tenha sido jogada violentamente contra o chão, em mais um ato de brutalidade”**. Será que havia necessidade de repassar tantos detalhes para a população? O que essas informações constantes nos laudos mudariam na vida das pessoas? Qual a relevância social disso tudo? Na última frase, o próprio repórter reforça as barbáries, completando com o enunciado: **“em mais um ato de brutalidade”**.

Após a reportagem de Tralli, segue o caso Isabella com outro VT. Desta vez a protagonista é a mãe dela, Ana Carolina Oliveira. O repórter José Roberto Burnier inicia o texto dizendo: **“Abraços de desconhecidos, pedidos de pose para fotos. A conversa carinhosa com uma menina da idade da filha que Ana Carolina Oliveira perdeu”**. Os **“desconhecidos”**, relatados por Burnier, fazem parte da multidão que acompanhava incessantemente o caso Isabella e que a cada minuto tinha novas informações: bastava ligar a TV. E os pedidos de pose para fotos? A mãe que perdeu tragicamente sua filha se assemelhava a uma celebridade. Era conhecida nas ruas, posava para fotos e passou a conviver com a presença de jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas de todas as partes do Brasil.

Após relatar a missa, o repórter dá voz ao advogado de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, Marco Polo Levorin, e também ao promotor do caso,

Francisco Cembranelli. Naquele momento, a defesa do casal alegava que a polícia estava usando informações de laudos que ainda não estavam no inquérito e questionava sobre a conduta das autoridades. **“Não há consenso entre os peritos sobre a existência ou não de sangue no carro. A polícia pressionou uma testemunha a negar informações sobre um arrombamento numa casa nos fundos do prédio do casal. A polícia considerou o depoimento de testemunhas que disseram ter visto Cristiane, a irmã de Alexandre, num bar quando ela estava em outro”**. O advogado Marco Polo Levorin fala das possíveis falhas que estariam ocorrendo no momento das investigações e também ressalta as informações desencontradas dos laudos.

Porém, após a exibição das matérias que relatavam detalhadamente a conclusão dos peritos não haveria outra verdade. E não houve. A opinião pública soube detalhadamente – passo a passo – o andamento das investigações e isso implicou no pré-julgamento dos acusados (que nesta época eram apenas suspeitos). Talvez, caso fosse apresentada outra versão para os fatos, dificilmente ela seria aceita pela sociedade. O jornalismo, neste caso, trabalhou à frente do trâmite penal, obtendo laudos que posteriormente seriam utilizados como provas nos autos processuais. O exagero de informações determinou para a comoção e o clamor popular, como veremos nas demais reportagens.

Portanto, através desta matéria, exibida em **21 de abril de 2008**, podemos perceber que este caso já havia tomado grandes proporções na mídia brasileira, eis que o principal telejornal do país dedicou 6 minutos e 11 segundos do seu noticiário para abordar o caso Isabella. Para Angrimani (1995, p. 16), **“sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato”**. Como relatado, não há dúvidas do apelo emocional, da superdimensão do fato, do clamor popular, da exposição da violência e da tragédia humana típicos do sensacionalismo.

### 5.3.2 Reportagem do Jornal Nacional: 1º de maio de 2008

Na segunda reportagem escolhida para integrar esta pesquisa, exibida em **1º de maio de 2008**, é apresentado o relatório final do inquérito policial, entregue no dia anterior ao Ministério Público. O documento é assinado pela delegada Renata Pontes, que comandou as investigações, e contém a versão da polícia para o crime.

Com 5 minutos e 31 segundos, a matéria destaca a participação do pai e da madrasta de Isabella no assassinato da garota. A delegada também afirma que o casal tem histórico de várias brigas conjugais e sofre de “descontrole emocional”. O vídeo mostra ainda a dinâmica da noite do crime, solicita a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, e classifica a tragédia como um “crime hediondo e covarde, demonstrando a maldade e o desprezo pela vida humana”.

Abaixo, a transcrição da matéria na íntegra.

**Reportagem exibida pelo *Jornal Nacional* 1º de maio em de 2008.**

**Duração do VT: 5'31”**

#### **CABEÇA/ALEXANDRE GARCIA:**

A polícia de São Paulo se baseou em laudos da perícia, no depoimento de testemunhas e em deduções para escrever o relatório final do inquérito sobre a morte de Isabella Nardoni. O *Jornal Nacional* teve acesso ao conteúdo do documento. É o que mostra agora o repórter Valmir Salaro.

#### **OFF/VALMIR SALARO:**

O relatório final da polícia é assinado pela delegada Renata Helena da Silva Pontes, que comandou as investigações. O documento tem 43 páginas e faz parte do inquérito que foi entregue à justiça, na última quarta-feira.

A delegada é categórica: diz que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá mantiveram a mentira de forma dissimulada, desprezando o bom senso de todos para permanecerem impunes. O relatório mostra a versão da polícia para o crime, e, segundo a delegada, levou em conta laudo do Instituto de Criminalística, lesões observadas na vítima e depoimentos de testemunhas.

A primeira conclusão é que as agressões começaram no carro da família. Segundo o relatório, Anna Carolina Jatobá feriu Isabella na testa com um instrumento não identificado. A madrasta segurava esse instrumento com a mão esquerda, virou-se para trás e alcançou o rosto da menina. A delegada diz que houve sangramento, gotejando sangue no assoalho, atrás do banco do motorista, na lateral esquerda do carrinho do bebê e um esfregaço, uma espécie de borrão de sangue, na parte posterior do banco do motorista.

O Jornal Nacional mostrou ontem que não foi feito o exame de DNA no sangue porque a quantidade era pequena. Para a defesa, isso impediria a polícia de afirmar que o sangue é de Isabella.

Segundo o relatório, o sangue observado na lateral esquerda da cadeirinha do bebê tem o perfil genético de Isabella. De acordo com peritos consultados pelo *Jornal Nacional*, todos os membros de uma família tem o mesmo perfil genético, ou seja, o exame realizado não é conclusivo.

Depois da chegada à garagem do edifício London, segundo a delegada Renata Pontes, todos subiram juntos ao apartamento. Isabella estava no colo do pai. Alexandre a jogou no chão, diz o relatório, perto do sofá. Nesse local observou-se maior concentração de sangue, não visível a olho nu, mas identificado graças a reagentes químicos.

Em outro trecho, a delegada diz que Isabella sofreu duas fraturas devido a um forte impacto, como ter sido atirada no chão. O sangue foi limpo e ao que tudo indica, segundo a delegada, com uma fralda de criança. Na noite do crime a polícia encontrou uma fralda dentro de um balde, era a única peça já lavada no meio de

outras que estavam no cesto e no chão sujas. Segundo o laudo do Instituto de Criminalística, reagentes químicos identificaram a presença de sangue na fralda.

Para a delegada, o pescoço de Isabella foi apertado por tempo considerável e de maneira forte, a ponto de a menina sofrer asfixia. O relatório final sobre o caso menciona o fato de duas pessoas terem ouvido gritos de criança chamando “pai”, pouco antes da queda de Isabella. A delegada Renata Pontes afirma, por causa das lesões, Isabella não podia gritar, portanto a voz era do irmão de Isabella, de 3 anos, que queria que o pai intercedesse no momento em que a menina estava sendo asfixiada.

E completa: sendo assim, se deduz que a pessoa que apertou fortemente o pescoço da vítima foi Anna Carolina Jatobá.

#### **PASSAGEM/REPÓRTER:**

A delegada Renata Pontes não indica o motivo do crime, mas afirma no relatório que há provas robustas de que Alexandre Nardoni jogou Isabella pela janela. As principais são marcas da rede na camiseta de Alexandre e as marcas no chinelo que ele usava que ficaram no lençol.

A delegada se diz impressionada com a atitude de Alexandre na noite do crime, que tentava convencer a todos de que havia um ladrão no prédio e não demonstrava abatimento pela morte da filha.

#### **OFF/REPÓRTER:**

Para a polícia, não há dúvida do descontrole emocional do casal. Em vários depoimentos há relatos de brigas, principalmente por causa do ciúme que a madrasta tinha de Alexandre e de Isabella. Uma vizinha da família Nardoni disse à polícia que Anna Carolina disputava a atenção do marido. Chegava a tirar Isabella do colo do pai para ela própria, Anna Carolina, sentar-se no colo dele, mesmo com a menina chorando.

No final do relatório a delegada pede a prisão preventiva de Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni. Segundo a investigação, não haveria tempo suficiente para uma terceira pessoa ter cometido o crime. Além disso, as amostras de sangue encaminhadas para exame de DNA apontaram predominância de sangue de membros da família, não havendo vestígios de sangue de uma terceira pessoa.

O relatório não esclarece se mais alguém, além de Isabella, se feriu no dia do crime. No relatório, a delegada justifica o pedido de prisão: garantir a ordem pública, impedir a fuga dos indiciados e assegurar a aplicação da lei. Diz ainda que o crime é hediondo e classifica o ato como covarde, demonstrando a maldade e o desprezo à vida humana.

Como nos detemos em analisar as matérias exibidas pela Rede Globo com exclusividade, esta não é diferente. Foi ao ar no dia **1º de maio de 2008**, um dia após a conclusão do inquérito policial e sua entrega ao Ministério Público.

No início do texto de Valmir Salaro, já podemos perceber como os fatos apresentados não deixam questionamentos: **“A delegada é categórica: diz que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá mantiveram a mentira de forma dissimulada, desprezando o bom senso de todos para permanecerem impunes”**. A própria palavra **“categórica”** já demonstra um ato definitivo, determinante e taxativo. Na sentença, também há adjetivações contra os investigados, chamando-os de mentirosos e dissimulados.

Prosseguindo o off do repórter, as **“conclusões”**: **“A primeira conclusão é que as agressões começaram no carro da família. Segundo o relatório, Anna Carolina Jatobá feriu Isabella na testa com um instrumento não identificado. A madrasta segurava esse instrumento com a mão esquerda, virou-se para trás e alcançou o rosto da menina”**. Mais uma vez a utilização dos verbos na voz ativa **“Anna Carolina Jatobá feriu Isabella na testa [...] virou-se para trás e alcançou o rosto da menina”**, indicam que o sujeito está praticando a ação. Para quem está ouvindo esta narrativa, não tem importância se o laudo é apenas uma versão da polícia, o que vale mesmo é a **“estória”** que está sendo contada. E nessa mesma **“estória”** há uma sequência de atos, um após o outro.



**“Depois da chegada à garagem do edifício London, segundo a delegada Renata Pontes, todos subiram juntos ao apartamento. Isabella estava no colo do pai. Alexandre a jogou no chão, diz o relatório, perto do sofá. Nesse local observou-se maior concentração de sangue, não visível a olho nu, mas identificado graças a reagentes químicos”.** Neste trecho podemos perceber, mais uma vez, o uso do verbo *jogou* indicando que Alexandre teria atirado a menina no chão. O sangue encontrado não era identificado a olho nu, mas **graças** a reagentes químicos. A palavra destacada demonstra os aparatos tecnológicos utilizados pela polícia para desvendar este crime. Como bem sabemos, a maioria dos crimes contra a vida não recebem tamanha atenção das autoridades como o caso Isabella recebeu. Isso se deve a atenção dispensada pelos meios de comunicação para cobrir este fato, o que provocou interesse do poder público em dar uma resposta imediata à sociedade.

Dando continuidade à matéria, Salaro diz: **“Para a delegada, o pescoço de Isabella foi apertado por tempo considerável e de maneira forte, a ponto de a menina sofrer asfixia”.** A delegada também afirma que **“por causa das lesões, Isabella não podia gritar”.** A narrativa segue desta forma, explorando cada detalhe contido num trabalho técnico feito por especialistas.

Mesmo trabalhando com indícios, a delegada afirma que **“há provas robustas de que Alexandre Nardoni jogou Isabella pela janela”.** E completa com sua impressão a respeito do pai da garota: **“A delegada se diz impressionada com a atitude de Alexandre na noite do crime, que tentava convencer a todos de que havia um ladrão no prédio e não demonstrava abatimento pela morte da filha”.** Analisando esta sentença, já temos um veredicto sobre o caso. Na verdade, o inquérito tem realmente essa finalidade: levantar elementos probatórios para formar a suspeita do crime e então oferecer a denúncia ao Ministério Público, que poderá propor a ação penal.

Porém, num caso com tanta repercussão como esse, em que a sociedade brasileira ficava a par – dia após dia – de um fato novo sobre a morte de Isabella torna-se imprudente explicitar juízo de valores. E se realmente houvesse provas inocentando o pai e a madrasta de Isabella, como ficaria a imagem (e a vida) deles

perante a família, os amigos e uma sociedade inteira, que os julgou e os condenou desde o primeiro dia?

Para finalizar o VT, o repórter fala de mais certezas da polícia. **“Para a polícia, não há dúvida do descontrole emocional do casal. Em vários depoimentos há relatos de brigas, principalmente por causa do ciúme que a madrasta tinha de Alexandre e de Isabella”**. O fim da matéria é com as seguintes palavras: **“o crime é hediondo, covarde, demonstrando a maldade e o desprezo à vida humana”**.

Diante de palavras tão fortes, como ficar alheio a este caso bárbaro que tirou a vida de uma garotinha de apenas 5 anos? A repetição, típica do jornalismo sensacionalista, é inegável neste caso. A morte de Isabella preencheu páginas de jornais e revistas, e ocupou incessantemente espaços importantes do noticiário brasileiro e até internacional.

### **5.3.3 Reportagem do Fantástico: 20 de julho de 2008**

A reportagem que analisaremos foi exibida pelo *Fantástico* em **20 de julho de 2008**. Com a versão policial para o crime, é feita uma reconstituição minuciosa com animação gráfica, levando o telespectador para “dentro” da cena. A riqueza de detalhes também mostra cenas chocantes para descrever a morte da menina: asfixia, esganadura e uma série de atos violentos que teriam sido cometidos pelo casal à garota.

A reconstituição, com 3 minutos e 29 segundos de duração, fornece ao telespectador uma versão completa para o crime, inclusive com a utilização de verbos na voz ativa durante a narrativa do repórter. Naquela época, decorridos quatro meses do assassinato de Isabella, as pessoas já tinham opinião formada sobre o veredicto do caso, eis que a mídia destacou os fatos incessantemente, em programas das mais diferentes linhas editoriais. Pela massiva exposição, a morte de Isabella Nardoni ganhou, inclusive, repercussão fora do Brasil.

**Reportagem do *Fantástico* exibida em 20 de julho de 2008****Duração do VT: 3'29''****OFF DE ABERTURA DO PROGRAMA/REPÓRTER CÉSAR TRALLI**

Logo no início, os peritos fazem uma ressalva: alguns personagens foram omitidos para uma melhor visualização das ações relevantes ao entendimento do caso. Os personagens presentes não possuem características idênticas dos envolvidos, da testemunha e da vítima.

Garagem do edifício London, 23h36min. Alexandre Nardoni desliga o carro. Na frente, ele e Anna Jatobá. A madrasta se vira e agride Isabella, que estava sentada atrás do pai. Com uma chave ou um anel, ela fere a menina na testa. Por causa do ferimento, vestígios de sangue são encontrados na lateral da cadeirinha, no encosto do banco do motorista e no chão do carro. O sangue é revelado em azul pelo reagente.

Segundo os peritos, o sangramento foi estancado por uma fralda entre o carro e o apartamento. A fralda foi encontrada dentro de um balde, já em processo de lavagem. Na foto, mais uma vez, os pontos azuis são sangue revelado pelo reagente químico.

Alexandre anda pelo apartamento com Isabella no colo. Logo no começo do corredor cai uma gota de sangue. Mais alguns passos e o sangue volta a pingar. Ao chegar na sala, Alexandre joga Isabella no chão com força. Os exames de raio x mostram que a agressão provocou lesões na bacia, na vulva e no punho direito da menina. O ferimento na testa mancha a roupa de Isabella, na altura da perna esquerda e da direita. O sangue também cai no chão.

Em seguida, na versão da polícia, Anna Jatobá se aproxima da menina, aperta o pescoço dela e provoca asfixia. Na foto feita pelos peritos, as marcas da esganadura.

Na cena seguinte, Alexandre caminha até a cozinha, pega uma faca e uma tesoura multiuso, vai até o quarto dos outros dois filhos ao lado do de Isabella. Ajoelha-se na cama e tenta cortar a tela de proteção da janela com a faca. Desiste e corta com a tesoura. O resultado é este: Alexandre pega a menina e vai em direção ao quarto dos filhos. No caminho, cai mais sangue no chão. A mancha é visível a olho nu. No quarto, ele sobe na cama com Isabella no colo e caminha, com alguma dificuldade, em direção à janela.

No chão, ao lado da cama, outra gota de sangue. No lençol, marcas do solado da sandália de Alexandre e da palma da mão de uma criança suja de sangue. Ainda sobre a cama, os peritos encontram uma sequência de passos e de manchas de sangue.

De acordo com a polícia, o pai então joga a menina. No parapeito da janela mais sangue. Na fachada do prédio, o rastro deixado pelas mãos de Isabella. Na camiseta de Alexandre, marcas da tela de proteção. O impacto da queda é ouvido pelo porteiro. Ele abre a janela, vê o corpo de Isabella no jardim e liga para o morador do primeiro andar, e chama o socorro.

O ***Fantástico***, diferentemente do ***Jornal Nacional***, é um programa de variedades, como seus próprios editores denominam: “uma revista eletrônica”. Com a exibição aos domingos, tem a possibilidade de aprofundar os assuntos que foram relevantes durante a semana. No caso Isabella, não foi diferente. A cada edição do ***Fantástico*** era feita uma espécie de retrospectiva dos fatos.

Na matéria exibida em **20 de julho de 2008**, a versão policial para o crime ganhou cor, movimento e animação gráfica. **“Garagem do edifício London, 23h36min. Alexandre Nardoni desliga o carro. Na frente, ele e Anna Jatobá. A madrasta se vira e agride Isabella, que estava sentada atrás do pai. Com uma chave ou um anel, ela fere a menina na testa. Por causa do ferimento, vestígios de sangue são encontrados na lateral da cadeirinha, no encosto do banco do motorista e no chão do carro. O sangue é revelado em azul pelo reagente”**. No início da matéria, o telespectador já recebe todas as informações do que

supostamente teria acontecido. Os verbos na voz ativa (*desliga* o carro; a madrasta se *vira* e *agride* Isabella; ela *fere* a menina na testa) mostram que o sujeito está, naquele momento, praticando a ação. Isto pode parecer simples, mas muda todo o contexto da enunciação. Neste caso, não há espaço para dúvidas, por mais que no início do áudio há explicação de que se trata apenas da versão policial. Portanto, o discurso do repórter está baseado nas fontes oficiais para se legitimar.

As ações descritas acima são comprovadas com a sentença: **“Por causa do ferimento, vestígios de sangue são encontrados na lateral da cadeirinha, no encosto do banco do motorista e no chão do carro. O sangue é revelado em azul pelo reagente”**. São indícios revelados por um componente químico, o que também exclui alternativas para outras possibilidades.

De acordo com o texto **“Alexandre anda pelo apartamento com Isabella no colo. Logo no começo do corredor cai uma gota de sangue. Mais alguns passos e o sangue volta a pingar. Ao chegar na sala, Alexandre joga Isabella no chão com força. Os exames de raio x mostram que a agressão provocou lesões na bacia, na vulva e no punho direito da menina. O ferimento na testa mancha a roupa de Isabella, na altura da perna esquerda e da direita. O sangue também cai no chão”**. Mais uma vez o discurso presente na narrativa fala por si só. É uma cena seguinte da outra, mostrando toda a trajetória que culminou com a morte de Isabella. A exacerbação dos detalhes, dos ferimentos, do sangue encontrado no apartamento e das lesões que a menina sofreu é típica da prática sensacionalista, que busca o exagero e o sofrimento alheio para chamar atenção do público e comovê-lo.

Continuando com a descrição dos fatos, **“Anna Jatobá se aproxima da menina, aperta o pescoço dela e provoca asfixia. Na foto feita pelos peritos, as marcas da esganadura”**. Na sentença ainda há uma prova maior: **“as marcas da esganadura”**, exibidas através de fotos feitas pelos médicos legistas que examinaram o corpo de Isabella. O discurso sensacionalista não permite dubiedade, e isso constatamos nas três reportagens analisadas.

A própria sentença do repórter ao dizer “**na cena seguinte**” se assemelha a um enredo de novela, onde os personagens tem de cumprir passo a passo o que fora descrito pelo autor. Então, “**Alexandre caminha até a cozinha, pega uma faca e uma tesoura multiuso, vai até o quarto dos outros dois filhos ao lado do de Isabella. Ajoelha-se na cama e tenta cortar a tela de proteção da janela com a faca. Desiste e corta com a tesoura. O resultado é este: Alexandre pega a menina e vai em direção ao quarto dos filhos. No caminho, cai mais sangue no chão. A mancha é visível a olho nu. No quarto, ele sobe na cama com Isabella no colo e caminha, com alguma dificuldade, em direção à janela.** A utilização dos verbos no tempo presente também dá ao telespectador a ideia de instantaneidade, de novidade, de acontecimento factual, características inerentes ao jornalismo. Porém o exagero na riqueza de detalhes que dizem respeito a um processo criminal já foge dos limites do jornalismo informativo.

No decorrer do off, mais drama: “**De acordo com a polícia, o pai então joga a menina. No parapeito da janela mais sangue. Na fachada do prédio, o rastro deixado pelas mãos de Isabella**”. Nesta pesquisa, estamos nos propondo a analisar o discurso, as palavras utilizadas no texto. Se já é chocante lermos esses detalhes dramáticos, imagine para o telespectador que acompanhou em animação gráfica esta reconstituição? Pertinente seria, ainda, analisarmos as imagens que deram cor e movimento ao discurso.

Para finalizar o VT: “**O impacto da queda é ouvido pelo porteiro. Ele abre a janela, vê o corpo de Isabella no jardim e liga para o morador do primeiro andar, e chama o socorro**”. Se Isabella caiu a uma velocidade de 78 km/h (como descrito pela perícia), imaginemos o estrondo ouvido pelo porteiro do prédio. São detalhes que provocam um sentimento de dor nas pessoas, pois tais barbáries foram praticadas contra uma criança indefesa, de apenas 5 anos. E pior: pelo próprio pai e pela madrasta dela. E para completar a crueldade, o repórter ressalta que o porteiro foi quem chamou o socorro para a criança, pois segundo a versão policial, a madrasta, Anna Carolina Jatobá, ocupava-se em esconder as manchas de sangue do apartamento. Já o pai, Alexandre Nardoni, tentava convencer os vizinhos de que havia ladrão no prédio.

O discurso apresentado nas três reportagens analisadas demonstra e evidencia o que os teóricos chamam de *espetacularização* das notícias, fundada na prática do jornalismo sensacionalista. O que vimos foi a mais pura exploração das mazelas do ser humano, da tragédia, da desgraça alheia e da morte. Todos os ingredientes indispensáveis para um fato tornar-se sensacional e promover a tão almejada audiência dos veículos.

## 6 CONCLUSÃO E DISCUSSÕES

Ao realizarmos este trabalho, nos propomos a investigar as propriedades do jornalismo sensacionalista, buscando teorizar esta prática já enraizada na atividade jornalística. Fizemos um resgate das origens do sensacionalismo no Brasil e no mundo, e também utilizamos vários autores para designar as características necessárias para um fato tornar-se sensacional.

Como a utilização da linguagem é própria do fazer jornalístico, utilizamos a Análise de Discurso como método de pesquisa. A fim de aplicarmos a prática à teoria, definimos três reportagens para serem analisadas: duas do ***Jornal Nacional*** e uma do ***Fantástico***, ambos os programas da Rede Globo, a emissora brasileira mais importante.

Pela repercussão extraordinária, escolhemos o caso Isabella Nardoni para ilustrar o uso de sensacionalismo nas notícias. Mesmo com a ocorrência de vários acontecimentos relevantes, que interferiram diretamente na vida dos brasileiros (reeleição do presidente da República, ministros que deixaram o governo e foram substituídos, dois desastres aéreos com os aviões da GOL e da TAM, e a extinção da CPMF, por exemplo), nada substituiu a cobertura da imprensa no caso Isabella, tampouco a comoção popular com o assassinato da menina. Há especulações, inclusive, que este caso só perdeu para a morte de Ayrton Senna, em 1994, no que diz respeito ao número de veiculações nos meios de comunicação.

Ao investigarmos as propriedades do sensacionalismo, desvendamos muito mais que isso: os efeitos psicológicos que a intensidade, a repetição, o exagero e o apelo emotivo causam nas pessoas. O direcionamento que a mídia dá ao fato se torna determinante para a formação da opinião pública – como vimos nos ensinamentos de Gustave Le Bon, ao dizer que o indivíduo age com irracionalidade quando está em massa. Essa mesma massa foi capaz de acender o desejo de justiça nas pessoas e provocar a ira de uma sociedade que clamava pela prisão dos



culpados. No caso Isabella, mesmo antes do julgamento, (concluído em 27 de março de 2010), os indiciados já haviam sido “condenados” pela população. O direito à ampla defesa, garantido pela Constituição Brasileira, praticamente inexistiu neste caso. Quando uma reportagem dava voz aos advogados do casal, logo outra entrevista era usada para contrapor a versão ora apresentada.

A comoção pública que este caso tomou evidenciamos na manifestação popular, através de mensagens dedicadas à mãe da vítima (somente no site de relacionamentos *Orkut* foram mais de 100 mil em menos de um mês); em faixas, cartazes e pichações de muros dos familiares dos acusados; no desejo de linchamento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá (cerca de mil pessoas acompanharam a prisão do casal e muitas delas jogaram ovos nos carros em que eles estavam); na multidão que se aglomerava em filas para acompanhar os cinco dias de julgamento dos réus; entre tantas outras cenas lamentáveis em que as pessoas queriam fazer justiça sozinhas, sem respeitar o próprio direito garantido pelo Estado. Para este entendimento, colabora Barbeiro; Lima (2002):

O jornalista denuncia crimes à sociedade; quem apura e pune, se for o caso, é o Estado. O profissional da imprensa só relata um acontecimento ao delegado, promotor ou outra autoridade quando a vida de alguém corre perigo. O jornalista acompanha o trabalho das autoridades, não coopera [...] Há críticas procedentes de que a imprensa não dá destaque para a inocência do acusado, como se tal fato não fosse relevante para a opinião pública (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 23).

Na pesquisa, também verificamos a tendência (que não é recente, mas algo que parece moda) do jornalismo-espetáculo, onde a notícia com informação e isenção, apenas, parece não combinar mais. Para alcançar a audiência tornou-se necessário misturar tragédia, sofrimento, lágrimas e emoção aos fatos. Neste aspecto, a televisão é, por excelência, terreno fértil para a espetacularização da notícia, uma vez que é responsável pela criação de padrões de comportamento e consumo. No âmagô de captar a atenção instantânea do grande público, o *show* informativo recorre a valores socialmente sedimentados, estereótipos e mensagens de fácil reconhecimento com o público.

Para aumentar a carga emocional da notícia, as cenas interpretadas por atores (ou animações audiovisuais) tomam o lugar de personagens reais, recompõem os episódios e reconstituem a ação dos fatos. Esse recurso dá legitimidade ao discurso e descarta o efeito “meramente ilustrativo”. É a realidade que toma forma. Isto, nada mais é do que a atribuição de um caráter teatral ao fato com o acréscimo das técnicas do suspense, o que acentua a curiosidade popular, aumenta a venda de jornais e revistas, bem como a audiência das emissoras de rádio e televisão.

Arbex Jr. (2001) aponta vários fatores que considera imprescindíveis para a transformação do jornalismo em *show*. A informação abundante, a concorrência, a busca incessante por “furos” e a exaltação da novidade são alguns dos responsáveis por decompor a notícia em mera mercadoria. Além disso, o prazer mórbido das pessoas em acompanhar de perto o sofrimento alheio contribui para esta prática, mesmo remontando aos primórdios da história (em que os indivíduos eram penalizados em praça pública).

Outro fato que podemos concluir com a realização deste estudo é que mesmo a imprensa de referência (aquela que possui credibilidade do público) consegue ficar alheia ao sensacionalismo, mesmo esta tendência sendo mais comum em programas considerados populares. Diante de um fato extraordinário, em alguma intensidade, os noticiários irão adotar algumas propriedades do sensacionalismo. Isto verificamos com a análise dos programas ***Fantástico*** e ***Jornal Nacional***, da Rede Globo.

Sobre o sensacionalismo no jornalismo, maior fator de interesse no nosso estudo, compreendemos que se torna imprescindível os estudos pragmáticos para nortear as pesquisas sobre o assunto. Quando analisamos o discurso, ou seja, a linguagem adotada pelos noticiários, verificamos explicitamente propriedades sensacionalistas. Porém, isoladamente, sem o contexto em que aquela enunciação foi dita ou mesmo sem a análise das implicaturas nela constantes, o jornalismo sensacionalista é mascarado.

Por isso, fundamental para as teorias acerca do sensacionalismo a utilização da Pragmática, eis que além da construção da frase (estudada na sintaxe) ou do seu significado (analisada pela semântica), a Pragmática estuda essencialmente os objetivos da comunicação. Talvez esta tenha sido a maior colaboração deste trabalho para as investigações acadêmicas, uma vez que a Linguística é pouco explorada nos estudos do jornalismo e permite novos campos de trabalho e de pesquisa. Como vimos, a narrativa dentro de um contexto, como defende os estudos pragmáticos, pode gerar um impacto sensacionalista.

A respeito do sensacionalismo no caso Isabella podemos resumi-lo em uma palavra: exagero. Exagero na cobertura desmedida, na exposição de todos os envolvidos com o fato (inclusive os familiares da vítima) como também a extrapolação das autoridades ao conduzir uma investigação criminal. A respeito disso, vimos delegados, advogados, promotores, juízes e desembargadores dando entrevistas a todo o momento, nos mais variados meios de comunicação. Onde estavam a discrição, o sigilo e a prudência inerentes às autoridades do Estado? Sobre esse assunto, até Lula, o então presidente da República na época, disse estar preocupado com a “pirotecnia” que o caso estava tomando.

Aliás, o comedimento policial não é apenas questão de discrição, mas de sentido jurídico: a exposição excessiva prejudica a investigação, pois a função do Estado na fase inquisitorial é essencialmente técnica, levantando provas e indícios que podem apontar o autor de um crime. Apenas na fase processual, os acusados terão direito a contrapor as provas levantadas pela polícia. É o direito à ampla defesa. Mas parece que essas prerrogativas legais foram deixadas de lado no caso Isabella, assim como outras condutas já destacadas neste trabalho pelos meios de imprensa. O “marketing da morte”, como vimos, alimentou o “circo midiático”, mas também garantiu a “boa imagem” das autoridades na tentativa de provar a eficácia da justiça brasileira.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sensacionalismo: inoperância explicativa**. In: Revista Em Questão da Fabico (UFRGS). Porto Alegre, vol. 9, n.º 1, p. 133-146, 2003.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995 (Coleção Novas Buscas em Comunicação, vol. 47).

ARBEX JR., José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 2ª ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lucia Silva. **O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional**. In: Revista ECO-PÓS da UFRJ. Rio de Janeiro, vol. 8, n.º 2, p. 67-87, 2005.

BATISTA, Adriana. **Os implícitos nas histórias em quadrinhos**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Porto Alegre, 2008.

BON, Gustave Le. **Psicologia das Multidões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

BONNER, William. **Jornal Nacional - Modo de Fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo político**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994 (Novas buscas em comunicação, vol. 44).

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: Modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. 32ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

COSTA, Jorge Campos da; PEREIRA, Vera Wannmacher (Org.). **Linguagem e cognição: Relações Interdisciplinares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

CORRÊA, Tupã Gomes. **Contato imediato com Opinião Pública: os bastidores da ação política**. São Paulo: Global, 1988.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1986 (Novas buscas em comunicação, vol. 15).

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem**. Os casos Corona e Cazuzo no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. A posição de Cuvier na história da biologia. In: **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GREGOLIN, Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **A mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1984.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera (Org.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Linguagem jornalística**. São Paulo; Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da notícia**. São Paulo; Ática, 1985.

LANA, Lígia. **Telejornalismo dramático e vida cotidiana**. Estudo de caso do programa *Brasil Urgente*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, UFMG, 2007.

LIPPMANN, Valter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: o jornalismo como produção social da segunda natureza. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **A vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988. Coleção Polêmica.

McLuhan, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MELO, José Marques de. **Sensacionalismo na Imprensa**. Comunicações e Artes. Uma Semana de Estudos sobre Sensacionalismo, São Paulo, n.º4, p. 55-65, 1971.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MELLO e SOUZA, Cláudio. **Jornal Nacional: 15 anos de história**. Rio de Janeiro: TV Globo, 1984.

MINAYO, Maria Cecília (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NEGRINI, Micheli. **A morte em horário nobre**. A espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS: Porto Alegre, 2010.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2007.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

\_\_\_\_\_. **A produção do discurso de informação num jornal sensacionalista**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, 1983.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Hackers, 1999.

PINTO, Ivonete. **A dramatização no telejornalismo**. Caras e bocas fazendo a notícia. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, 1998.

RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

SARTORI, Roberta. **A relevância da inferência relevante**. Uma abordagem da significação implícita via Teoria das Implicaturas. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Porto Alegre, 1999.

SCHWARZENBERG, Roger-Gerard. **O Estado Espetáculo**. São Paulo: Difel, 1979.



SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. 3ª ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2005.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro**: as incertezas da mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática e cognição**: a textualidade pela relevância e outros ensaios. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso. Televisão, indivíduo e poder no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

SOUZA, Sérgio. **Conhecendo análise de discurso: linguagem, sociedade e ideologia**. Manaus: Valer, 2006.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TEIXEIRA, Elisabeth. **As três metodologias. Acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

TEIXEIRA, Marlene. **Análise de Discurso e Psicanálise**. Elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo**: questões, teoria e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

\_\_\_\_\_. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2004.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror.** São Paulo: Paulus, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão.** São Paulo: Ática, 1996.